

LORENE GONÇALVES SOARES

RITMOS E CONEXÕES:

DANÇANDO COM

REICH, DELEUZE E

GUATTARI

SÃO PAULO

2003

LORENE GONÇALVES SOARES

**RITMOS E CONEXÕES:
DANÇANDO COM
REICH, DELEUZE E GUATTARI**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob orientação do Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto.

SÃO PAULO

2003

Banca Examinadora:

Parceiros de baile, meus agradecimentos:

Aos meus pacientes, com quem aprendi novos passos a cada dia, com sua disponibilidade para me acompanharem no baile da clínica. Também àqueles com quem, por alguma razão, não consegui dançar. E especialmente a EP, parceiro com quem tive o encontro descrito no capítulo 5 desta dissertação, obrigado por me acompanhar em tantos ritmos e ter me ensinado novos passos para a clínica e para a vida.

A Rael, meu filho, que arranca de mim as mais ousadas possibilidades de dançar e suportou tantas ausências nesse momento lindo de sua vida.

Aos meus alunos, que despertaram em mim o desejo de buscar o percurso acadêmico.

A Alfredo Naffah Neto, meu orientador, que exigiu de mim passos que eu julgava impossíveis de realizar e, com seu rigor científico, me fez viabilizar vãos poéticos.

A Cláudio M. Wagner e Luiz B. L. Orlandi, bailarinos maravilhosos, em quem encontrei um grande acolhimento para as questões teóricas e por me levarem a descobrir tanto prazer ao dançar junto.

Aos professores Suely Rolnik, Regina Néri, Peter Pál Pelbart e Luis Fuganti, que foram tão generosos ao me permitirem descobrir ritmos novos com seu vasto conhecimento.

A Regina Amaral, amiga de todas as horas, que mostrou o caminho das pedras e me fez descobrir que também na PUC-SP encontraria a possibilidade de dançar.

Aos colegas do grupo de orientação, que apontaram saídas, deram suporte na hora da crítica, especialmente a Sonia, Ronny, Judith e Anna Maria que tornaram mais leves meus desencontros com a vida acadêmica e contribuíram com suas referências, leituras e observações.

A Adriana Estevão e a André Barreto, que foram parceiros constantes nesses corredores, cafés e salas de aula da PUC-SP, sempre afetuosos, disponibilizando seu tempo para me acompanhar com leituras e comentários.

A Clacilia Soares, minha querida irmã, que foi capaz de deixar suas coisas para me presentear com sua leitura e conferência do meu texto; e na minha casa e nos meus compromissos, com seus cuidados.

A Marlene C. Almeida, por ter me acompanhado com sua leitura, observações, digitação, *prosecco* e risoto, quando apertaram a solidão e o cansaço.

Às amigas Genira, Rommy, Yvone e Márcia, por tantos bailes aos quais foram comigo e por tantas descobertas que fizemos juntas.

A Fernando Barros, pelos textos e tangos compartilhados.

A Philip Miha, professor, amigo e parceiro, por me ensinar que não há limites quando se deseja dançar.

A Milton Godoy, com quem muito aprendi quando estávamos juntos e com quem sigo aprendendo de longe, por sempre ter acreditado em mim.

A Alberto Guerreiro, pela revisão e acolhimento de meus arroubos poéticos.

Ao CNPq, pela bolsa concedida.

A meus amigos e parentes que conseguiram acolher as minhas ausências neste momento de profundo mergulho e por tantos outros bailes que dançamos na vida.

RESUMO

Neste trabalho trato do encontro que tive com diferentes abordagens teóricas, que levaram a des/construção permanente na clínica psicoterapêutica. Os autores com quem fui buscar o referencial teórico são Wilhelm Reich, Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Da obra de Reich destaco o conceito de *caráter* em suas aplicações teóricas e clínicas. Ao encontrar resistência dos seus pacientes à psicanálise, desenvolveu amplamente esse conceito em seu livro *Análise do caráter*.

Dos escritos de Deleuze e Guattari fui buscar o conceito de *processos de singularização*. Ao encontrar com a radicalidade da filosofia da diferença fui permeada por conexões reflexivas que me levaram a uma outra postura na clínica e na vida.

Com os referidos autores, realizo o que considero um baile, no encontro e conexões com esses conceitos. Construí um texto a partir dos atravessamentos causados por cada um desses autores. Descrevo a singularidade provocada na minha clínica pelo encontro com tais conceitos, e apresento um caso clínico. Realizo algumas conexões reflexivas com singularidades, encontros, fluxos, ritmos e crítica na clínica.

Palavras-chave:

Caráter — Análise do caráter — Processos de singularização — Fluxo —
Ritmo — Clínica — Reich — Deleuze — Guattari

ABSTRACT

This dissertation deals with the meeting I had with different theoretical approaches, which lead to permanent dis/construction in psychotherapeutic clinic. I found the theoretical basis in the work of Wilhelm Reich, Gilles Deleuze and Félix Guattari.

Out of Reich's work, I outline the concept of *character*, within its theoretical and clinical applications. After having identified his patients' resistance to psychoanalysis, he developed widely this concept in his book *Character Analysis*.

Out of Deleuze and Guattari's writings, I fetched the concept of *processes of singularisation*. In contact with philosophy of the difference, I was permeated by the reflexive connections, which lead me to a brand new attitude in the clinic and in life.

With the referred authors, I created what I consider at the moment, a dance – like a meeting and connections with these concepts. I constructed a text out of transversings caused by each one of these authors. I describe the singularity, which is provoked in my clinic by the meeting with such concepts; therefore, I present a clinical case. I realise some reflexive connections with singularities, meetings, fluxes, rhythms and criticism in the clinic.

Key words:

Character — Character analysis — Processes of singularisation — Flux — Rhythm — Psychotherapeutic clinic — Reich — Deleuze — Guattari

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CARÁTER	16
3. PROCESSOS DE SINGULARIZAÇÃO	53
4. FLUXO	70
5. ENCONTRO	89
6. RITMO	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119

1. INTRODUÇÃO

Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever.

Gilles Deleuze
Diferença e repetição

Quando comecei a dançar achei que nunca chegaria a fazê-lo. Era uma experiência que parecia mais uma tortura do que um prazer. Parecia tão complicado conseguir acompanhar o ritmo da música, acompanhar o par, acompanhar o movimento do salão. Aos poucos comecei a fazê-lo. Nesse começo, em alguns momentos, cheguei até a ter prazer em dançar. Como todo aprendizado exigiu muito esforço. Teve, porém, um momento em que descobri o puro prazer da entrega à dança. Atualmente são muito mais freqüentes esses momentos de prazer ao dançar: o encontro com o parceiro, com a música, com o entorno. Tudo isso compreende um ritmo que é sempre novo. É sempre diferente, e é, também, sempre compartilhado.

O encontro entre os dançarinos acontece no abraço. O aconchego, o acolhimento, a proximidade, a entrega, todos esses fatores são constitutivos do abraço. O enlace que compreende o abraço é o que constitui o encontro dos que dançam em par. Ele é único para cada par e para cada momento. As sensibilidades de cada um, de cada instante, de cada canção formarão a maior ou

menor amplitude para esse abraço. A qualidade do abraço é algo único que ocorre na singularidade daquele momento da dança. Posso estar completamente abraçada com alguém que nunca vi antes; sem o compromisso de continuar abraçada além daquele instante da dança. No entanto, posso estar por inteiro naquele momento. O abraço não é de um e nem pertence a nenhum; ele é o próprio encontro, compreende: uma aproximação dos corpos dos parceiros, um enlaçamento de braços, um encontro de mãos, um encostar de cabeças; é uma intimidade criada espontaneamente e sem garantia de permanência. O abraço é facilitado pela música, pela atmosfera do baile, pela permissão concedida anteriormente para isso. Mas o que ocorre no encontro é daquele par. Nem mesmo o par encontrará palavras para expressar o vivido.

Como abraçar fora do baile? Como constituir encontros fora do salão de baile? Como constituir outros aprendizados para outro tipo de encontro.

Com a escrita, vem ocorrendo algo diferente da dança. Sinto-me ainda em início de aprendizado. Certamente ainda não descobri o puro prazer de escrever. Estou procurando algo que me dê prazer como tenho ao dançar.

Quando danço, não estou preocupada em me apresentar. Descobri com o tempo que quanto mais me entregar ao ritmo e ao espontâneo, maior a chance de compor com meu parceiro. Não estou dançando para que alguém veja. É um momento único, vivido apenas no presente.

Mas com a escrita é diferente. É algo que será exposto e que permanecerá. Exige mais de minha alteridade, o meu desprendimento. Irá compor com outras pessoas. Dançará outros bailes. Fará outras composições.

Talvez por ser este texto um compromisso com o acadêmico; talvez por se tratar de uma exposição para distintos e não sabidos parceiros – aqueles que por ventura vierem a ler o que escrevo aqui, não sei exatamente porque, mas ainda não encontrei a fluência dos passos de uma dança. Sei apenas que encontro melhor o ritmo, quando escrevo sobre a experiência. A minha experiência singular.

Assim se deu a escolha do tema para esta dissertação: *Ritmos e conexões: dançando com Reich, Deleuze e Guattari*, baseada nos conceitos de *caráter*, de Wilhelm Reich e de *processos de singularização*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Foi um processo de encontro com a minha própria singularidade.

Venho de uma formação reichiana em psicologia clínica, com aprofundamento em análise bioenergética. A sustentação teórica da bioenergética tem seus fundamentos na *análise do caráter*. Quando Reich escreveu *Análise do caráter*, ele se encontrava, ainda, como membro da sociedade de psicanálise, portanto, muitos dos seus fundamentos são conceitos psicanalíticos.

No encontro com Deleuze e Guattari descobri tantas novas possibilidades, que acabaram por ampliar minha curiosidade sobre a proposta teórico-clínica de Reich, especialmente a conceituação de *análise do caráter*.

A cada encontro com os autores que eram novos para mim, fiz conversações, teci diálogos com conceitos levantados por Reich. Certamente, isso ampliou minha percepção para o trabalho clínico. Aos poucos, minha clínica que era desenvolvida dentro de uma abordagem reichiana foi atravessada pelo pensamento de Deleuze e Guattari e, com esse cruzamento, sofreu transformações.

A princípio eu não tinha essa clareza. Mas, aos poucos, fui compreendendo o quanto havia sido afetada por esse novo. Ao mesmo tempo, parecia que estava encontrando com algo já conhecido, pois tive uma sensação de proximidade.

É sobre esse processo de aprendizado e de desenvolvimento de trabalho que discorrerei nesta dissertação.

Certamente, meu encontro com esses autores não se restringiu a um movimento apenas na clínica. Foi um encontro que atravessou a minha vida. Desde o mais simples e cotidiano, até modificações nos meus relacionamentos. Levou-me descobrir outras alegrias e possibilidades na dança. Propiciou-me conhecer novos autores, novos artistas. Capacitou-me a empreender novas viagens a diferentes mundos. Encontrei novos fluxos.

Ao mergulhar nos textos desses autores, me deparei com o universo de suas vidas. Há muito de revolucionário neles que instiga o meu devir-revolucionário. Entendo como revolucionário, uma conexão com o intensivo.

A singularidade do meu encontro com esses autores será descrita nas próximas páginas. Falarei das possibilidades de encontros com pensadores diferentes, que viveram em tempos diferentes, e me alcançam neste diferente momento de vida.

Reich teve uma vida extremamente conturbada e rica na variação de experiências. Desde menino, nascido no final do século XIX, no Império Austro-Húngaro, já era um contestador. Questionava e se posicionava frente à autoridade paterna e materna. Sentiu-se pivô da tragédia familiar que levou sua mãe ao

suicídio e seu pai à morte precoce.¹ Em nome disso, produziu sua obra. Foi um defensor da sexualidade vivida livremente sem as restrições e tabus impostos pela sociedade. Acreditava que os males do homem residiam nas restrições que se impunham a ele, tanto por si próprio, como pelos poderes instituídos, identificando, assim, o maior foco de repressão na sexualidade.

Foi um homem de idéias polêmicas. Oriundo de fase em que predominava o modelo positivista de ciência, mostrou-se bastante preocupado em encontrar comprovação científica para suas observações e experimentos. Acima de tudo um amante da vida, muitas vezes colocou sua própria vida em risco em defesa do que acreditava ser libertador para o homem que sofre. Foi expulso da Sociedade de Psicanálise e do Partido Comunista. Por ser judeu, teve que fugir da Europa em 1935, tendo migrado por vários países antes de seguir para os Estados Unidos da América. Morreu em 1957, na prisão. A vida de Reich foi claramente uma vida nômade. Ele nunca se rendeu ao instituído. Rompeu com todas as instituições que exigiram dele algum tipo de composição que pudesse significar o aprisionamento ou a captura da vida. Foi um curioso, intenso, transbordante. Mas sempre comprometido com a ética em favor da vida.

¹ Contou ao pai sobre um relacionamento extraconjugal que sua mãe mantinha com seu preceptor; na seqüência sua mãe tentou sete vezes o suicídio; com a morte da esposa, o pai de Reich contraiu tuberculose, morrendo dois anos depois. Aos dezessete anos, Reich estava órfão de pai e mãe, pobre e no início do que viria a ser a Primeira Guerra Mundial. Alistou-se como soldado das forças prussianas, uma vez que era austríaco. Quando saiu do exército, tentou estudar direito, tendo logo se desinteressado. Então foi cursar Medicina, pois desde sempre tivera imensa curiosidade pela natureza e pela biologia. Três anos antes de concluir o curso de Medicina, descobre os escritos de Freud, tendo encontrado sentido para suas incessantes questões de psiquiatria e sexologia. Começa a dirigir seminários de alunos sobre clínica tendo como suporte teórico, a psicanálise. No verão de 1920, tornou-se membro honorário da Sociedade Psicanalítica de Viena. Em outubro, apresentou seu trabalho como candidato a membro da sociedade. O trabalho foi muito bem aceito e, na sessão seguinte, foi admitido como membro da Sociedade Psicanalítica por quatorze anos, tendo sido Presidente dos Seminários sobre a Técnica Psicanalítica de 1924 até 1930, quando se mudou para Berlim.

Sua obra escrita é bastante extensa. Escreveu sobre suas descobertas teóricas, clínicas e científicas – tinha bastante rigor como pesquisador. Foi um estudioso dedicado, mas sem nenhuma dúvida muito apaixonado e polêmico.

Optei por privilegiar um dos conceitos estudados por Reich – *caráter*. Creio ser esse um conceito fundamental de sua teoria como psicoterapeuta. No andamento de sua obra, transformou muitas de suas concepções, portanto, também esse conceito foi revisto. A primeira edição de *Análise do Caráter* é de 1929, quando ainda era Diretor dos Seminários Clínicos da Sociedade Psicanalítica de Viena. A terceira edição, já em inglês, revisada e atualizada pelo próprio autor, data de 1948.

Basicamente, Reich preocupou-se com dois tipos de caráter: o e *caráter neurótico* e o *caráter genital*. Para o caráter neurótico, procedeu também à descrição de alguns tipos de caráter. Não darei ênfase, porém, a esse aspecto neste texto, pois parece que a descrição dessas duas possibilidades, o caráter genital (saudável) e o caráter neurótico (doente), são suficientes para a interlocução a que me proponho. Apenas quero destacar a amplitude do conceito de caráter. Segundo o autor, o caráter é indicativo da atitude do ser frente ao mundo, atravessado por relações estabelecidas nos encontros que não cessam de ocorrer enquanto houver vida.

Salto dos braços de Reich para dançar a três, pois meus próximos parceiros são Gilles Deleuze e Félix Guattari. Vou sob a orquestração de processos de singularização. Saltei dos anos 50, nos EUA, pois Reich faleceu em 1957; para o final da próxima década em Paris, pois *Diferença e repetição* é a tese de doutorado de Gilles Deleuze, obra fundamental para desenvolvimento de meus

estudos. A outra obra decisiva para este estudo foi *O anti-édipo*, de 1972, já escrita em conjunto por Deleuze e Guattari.

Singularização é um conceito que compreende toda a obra desses autores. Por isso optei, em ressaltar apenas alguns dos conceitos que permeiam tão vasta obra. Avancei minha compreensão desses textos procurando levantar o que penso ser essencial para me referir ao que é singular na clínica em que atuo.

O mais significativo para mim, nesses tantos bailes, foi poder levar um certo pensamento, um certo viés filosófico para o campo da prática. Essa questão pode ser identificada quando me refiro a como esses pensadores me afetaram e como essa afetação atravessou a minha clínica. Para tanto, apresento um caso clínico acompanhado das reflexões que esse encontro teórico propiciou.

Fui me deixando afetar por esses autores e minha escritura foi se constituindo nesses encontros. Os escritos mais estruturados e preocupados com descrições científicas de Reich fizeram com que produzisse o capítulo 2, *Caráter*, de maneira mais formal, ao contextualizar esse conceito. Ao escrever o capítulo 3, *Processos de singularização*, construo um texto mais maleável, com muitas linhas de fuga. Nos próximos capítulos, 4 e 5, respectivamente, *Fluxo* e *Encontro*, nos quais apresento minha própria produção, faço a apropriação do que me é mais fluido: a linguagem poética. Minhas considerações finais são desenvolvidas no capítulo que nomeei como *Ritmo*. Nesse capítulo traço considerações e deixo questões sobre como manter um ritmo onde a vida seja possível em sua plena valorização. Creio que este trabalho seja expressão de minha singularidade.

2. CARÁTER

*A cicatriz é o signo, não da ferida passada,
mas do “fato presente de ter havido uma ferida”:
digamos que ela é a contemplação da ferida,
ela contrai todos os instantes que dela me separam
num presente vivo.*
Gilles Deleuze
Diferença e repetição

O conceito de caráter é fundamental na obra de Wilhelm Reich. No que se refere a esse conceito, o referido autor não desenvolve uma metapsicologia própria. Antes, se orienta teoricamente pela psicanálise. A preocupação de Reich foi buscar uma confirmação biofísica para as teorias de Freud. Com ele sempre esteve presente a investigação sobre como os processos psíquicos estavam interligados com os processos corporais. Sua referência à psicanálise em nenhum momento é simplista. Ele procura, de algum modo, extrair de forma objetiva a conceituação psicanalítica para referenciar sua técnica de análise do caráter. Isso fica claro, no final do primeiro capítulo de sua obra *Análise do Caráter*:

Nada tenho a acrescentar aos princípios de Freud relativos à interpretação do inconsciente, ou a sua fórmula geral na qual o trabalho psicanalítico consiste na eliminação das resistências e o manejo da transferência. A exposição que se segue pretende, sem dúvida, ser a aplicação conseqüente de princípios psicanalíticos básicos, uma aplicação que também abre novos campos à tarefa analítica. (Reich, 1986: 32)

Considerando a origem psicanalítica de Reich, acompanharei seu percurso desde a psicanálise até a escritura da *Análise do Caráter*. É necessário ressaltar que a visão de psicanálise em Reich é relativa ao período em que esteve ligado a ela e às escolhas conceituais que fez dentro da sua vastidão e complexidade. Assim, alguns conceitos têm recortes situacionais, o que não o torna equivocado quanto à psicanálise, uma vez que priorizou certos conceitos a outros. Ele o fez de acordo com o desenvolvimento do seu pensamento e a esses conceitos, se manteve fiel. A importância dada à teoria da libido é um exemplo disso, assim como a valorização da economia sexual. Vejamos então o conceito de *caráter* e a teoria do desenvolvimento libidinal, tal qual formulados pela psicanálise, para então apreciarmos como Reich desenvolve a teoria da formação e funções do caráter, de forma coerente e consistente com a referida teoria da libido.

A primeira vez em que Freud menciona o conceito de caráter, é nos *Três ensaios sobre a teoria sexual*:

O que chamamos de caráter de uma pessoa está construído em boa parte com o material das excitações sexuais, e se compõe de pulsões fixadas desde a infância, de outras adquiridas por sublimação e de construções destinadas a reprimir algumas moções perversas, reconhecidas como inaplicáveis. (1905: 218)

Nesse trecho, Freud associa caráter a conteúdos sexuais, a fixações e repressão. Esses são os conceitos básicos que Reich vai desenvolver futuramente na teoria do caráter.

Em 1908, Freud produz um texto específico sobre caráter, denominado *Caráter e erotismo anal*. Escreveu sobre as características desenvolvidas por

fixação nesse período: fase anal. Não desenvolve, porém, a conceituação sobre caráter, nem mesmo ao longo de sua obra. Reich é quem vai fazê-lo buscando fundamentos na psicanálise, especialmente na segunda tópica.

Quando Reich alcança a psicanálise, em 1920, cursando o penúltimo ano de medicina, a maioria dos conceitos psicanalíticos está bem desenvolvida assim como a técnica da livre associação já ocorre tal qual a conhecemos atualmente.

O que mais o impressionou com a descoberta da psicanálise foi o acolhimento às questões da sexualidade. Em seus estudos anteriores à psicanálise, buscou guarida para suas dúvidas sobre a importância da sexualidade na formação do psiquismo. Entretanto não encontrou nada que o satisfizesse. Ingressou no seletivo grupo de estudos de Freud e passou a trabalhar como psicanalista.

No decorrer de sua prática clínica, Reich encontrou grandes dificuldades com a aceitação da regra básica da psicanálise: a livre associação. Alguns pacientes seguiam essa regra e faziam associações valiosas para o processo analítico. Mas a maioria não seguia a regra e apresentava uma forte resistência que, para Reich, significava “resistência” à eliminação do recalque. Chamou essa resistência de “contra-investimento” do *ego* (uma força inconsciente que se opõe ao desejo de análise).

Exatamente em cima dessas dificuldades é que Reich vai desenvolver a técnica da análise das resistências e, como consequência disso, a teoria da análise do caráter. É no desenrolar da prática que Reich verifica a limitação da técnica da livre associação. Busca então uma outra solução para a prática clínica, a qual ele virá a denominar de análise do caráter.

A teoria da libido foi, para Reich, o grande ponto de apoio para a teoria de análise do caráter. No desenvolvimento libidinal ele encontrou também o estabelecimento e a estruturação do caráter. Ou seja, o caráter teria sua formação nas diferentes fases do desenvolvimento libidinal, de acordo com as experiências vividas.

Para a psicanálise, a organização psicosexual se fundamenta em um longo processo evolutivo, passível de várias interrupções. As fases desse desenvolvimento (oral, anal, fálica e genital) são experimentadas com sucessivas interrupções, de acordo com as pulsões internas em jogo e a maior ou menor dificuldade de gratificação apresentada pelo ambiente externo.

Laplanche & Pontalis definem “libido” como:

Energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamentos dos investimentos), quanto ao alvo (sublimação, por exemplo) e quanto à fonte de excitação sexual (diversidade das zonas erógenas). (1988: 343)

A libido sempre teve em Freud a conotação de uma energia sexual, ou seja, sempre esteve ligada às pulsões sexuais. E como energia, buscando um fluxo, um caminho de resolução. Freud define a pulsão como um fluxo contínuo; é uma força constante interna ao organismo, da qual não pode escapar. Reich segue esse mesmo caminho. Há que se levar em conta que o conceito de pulsão na psicanálise passa por muitas fases e é desenvolvido em vários momentos, sendo mesmo um conceito difícil de ser apreendido no todo da obra psicanalítica.

O desenvolvimento psicosexual se inicia com o auto-erotismo (gratificação direta das pulsões parciais), quando a criança tem o próprio corpo como objeto;

depois passa pelo narcisismo primário (surgimento da estrutura psíquica conhecida como *ego*); e, finalmente, se direciona a um objeto externo, caminhando em direção ao amor objetal (quando as pulsões parciais se submetem ou são submetidas à primazia da genitalidade). Para a psicanálise, o relacional é tido como um acontecimento entre sujeito e objeto. O objeto de amor de uma criança, na fase fálica, de acordo com a cultura, é incestuoso, ou seja, é o amor pela mãe ou irmã, pai ou irmão.

Segundo Reich, Freud vê no Édipo o complexo nuclear das neuroses. Justifica isso apontando que no desenvolvimento infantil a criança necessariamente fica com a resolução libidinal comprometida para seu primeiro objeto de desejo, assim como tem que se subjugar à vontade/autoridade do pai, dessa maneira ficando impedida, nesse momento, de direcionar a libido para um objeto sexual externo. Para Reich, entretanto, o complexo de Édipo se apresenta como estrutural para o psiquismo e vai desempenhar papel fundamental também na estruturação do desejo. É o momento definitivo para a futura organização psicosexual, em que as pulsões parciais deverão dar lugar à prioridade das zonas genitais. Do ponto de vista do direcionamento da libido, há uma primazia para os órgãos genitais. Nessa fase se manifestam os rudimentos da futura organização sexual, na qual a busca do prazer envolverá o todo e não apenas o *prazer de órgão*, assim como a preocupação com o prazer do outro, não apenas o próprio. Obviamente esse assunto é muito complexo e envolveria muito mais do que a simples noção que estou mencionando aqui. Não é minha pretensão, porém, desenvolver esse tema. Pretendo apenas fazer referência às postulações de Freud e Reich.

A grande questão, para Reich, é que esse pai/mãe está ali como representante da cultura, ou seja, a proibição como uma resolução da cultura e não como um determinismo biológico. Nessa medida, o complexo de Édipo pode ser visto como uma formulação repressiva da cultura e não algo da natureza do psiquismo. Reich vê na opressão da cultura a origem das dificuldades para o homem se desenvolver livremente, e não algo inscrito de modo determinista em seu psiquismo.

A repressão da sexualidade entraria como um componente fundamental na formação do caráter. Do ponto de vista do desenvolvimento psicosexual, antes da fase fálica, o prazer de órgão não é apontado pela sociedade como sexual, pois ele envolve, ao mesmo tempo, funções biológicas. Na fase fálica, porém, isso não está mais escondido. O prazer de órgão está voltado para os genitais. A sexualidade fica explícita, uma vez que a criança, que se expressa livremente, antes de introjetar a repressão da cultura, o faz em relação ao seu genital. É nesse momento que a repressão sexual se explicita. E no conflito com seu meio o pequeno ser acaba estruturando sua maneira defensiva, isto é, seu caráter.

De acordo com a teoria da libido, o desenvolvimento psicosexual, como já dissemos, é longo e sofre várias interrupções. Reich vê que nesse processo duas situações podem ocorrer: a *inibição* e a *regressão*.

Segundo Laplanche e Pontalis, a *inibição*:

Qualifica uma pulsão que, sob o efeito de obstáculos externos ou internos, não atinge o seu modo direto de satisfação (ou alvo) e encontra uma satisfação atenuada em atividades ou relações que podem ser consideradas como aproximações mais ou menos longínquas do alvo primitivo. (1988: 311)

Esses sentimentos se traduziriam em sentimentos de ternura ou sentimentos sociais, que poderiam trazer gratificação parcial sem, no entanto, chegar ao conflito edípico. Em suma, a pulsão não chegaria a seu alvo inicial sexual, mas ficaria antes voltada para sentimentos ternos ou sociais. Em sua teoria sobre o caráter, Reich definiu dois tipos básicos, de acordo com o momento da inibição: *o caráter impulsivo e o caráter inibido*.

O caráter impulsivo se forma quando uma pulsão inteiramente desenvolvida sofre uma frustração brusca e repentina; nesse caso a proibição não é completamente aceita; o indivíduo realiza a ação e depois tem que se haver com sentimentos de culpa. Já o caráter inibido é o oposto. As frustrações ocorrem desde o começo do desenvolvimento pulsional; em todo o seu desenvolvimento ocorrem ações inibidoras da pulsão. Esse tipo tende à rigidez, com o tempo pode se desenvolver uma tendência à compulsão e à depressão.

Já na *regressão*, há um bloqueio do desenvolvimento, no qual a libido não pode seguir livremente o percurso. Assim sendo, a libido reflui, regride a um estágio anterior. Esse é um conceito muito freqüentemente utilizado em psicanálise. Possui um sentido tópico, temporal e formal. Mais uma vez, recorrendo ao Vocabulário de Psicanálise, vemos que:

Num processo psíquico que contenha um sentido de percurso ou de desenvolvimento, designa-se por regressão um retorno em sentido inverso desde um ponto já atingido até um ponto situado antes desse. Tomada em sentido tópico, a regressão opera-se, segundo Freud, ao longo de uma sucessão de sistemas psíquicos que a excitação percorre normalmente segundo determinada direção. No seu sentido temporal, a regressão supõe uma sucessão genética que designa o retorno do

indivíduo a etapas ultrapassadas do seu desenvolvimento (fases libidinais, relações de objeto, identificações, etc.). No sentido formal, a regressão designa a passagem a modos de expressão e de comportamento de nível inferior do ponto de vista da complexidade, da estruturação e da diferenciação. (Laplanche e Pontalis, 1988: 568)

Não é proposta desta dissertação aprofundar a compreensão de termos do vocabulário psicanalítico. Apenas farei uso de alguns deles para maior compreensão do pensamento de Reich sobre a teoria do caráter, levando sempre em conta o momento que o referido autor se encontrava em contato com a psicanálise. Algumas vezes farei referências simples a tais termos, acompanhando o que propõe a obra de Reich, e também com a finalidade de possibilitar ao leitor uma leitura mais fluida.

O conceito de *fixação* na doutrina psicanalítica, segundo Reich, pode ser compreendido do ponto de vista genético e ocorreria em qualquer uma das fases do desenvolvimento psicosexual, designando conteúdos representativos. É descrito como:

O fato de a libido se ligar fortemente a pessoas ou imagens, de reproduzir determinado modo de satisfação e permanecer organizada segundo a estrutura característica de uma de suas fases evolutivas. A fixação pode ser manifesta e atual ou constituir uma virtualidade predominante que abre ao indivíduo o caminho de uma regressão. A noção de fixação é geralmente compreendida no quadro de uma concepção genética que implica uma progressão ordenada da libido (fixação numa fase). Podemos considerá-la, fora de qualquer referência genética, no quadro da teoria freudiana do inconsciente, como designando o modo de inscrição de certos conteúdos

representativos (experiências, imagos, fantasmas) que persistem no inconsciente de forma inalterada e a que a pulsão permanece ligada.

(Laplanche e Pontalis, 1988: 251)

Ocorre uma fixação numa determinada fase do desenvolvimento libidinal que, de alguma maneira, não é completamente superada e, por isso mesmo, não é elaborada. O desenvolvimento psicosexual promove a idéia de uma evolução do aparelho psíquico. A fixação está presente na etiologia das neuroses e pode ser entendida como fixação no trauma.

A fixação é ligada à teoria da libido e define-se pela persistência, particularmente manifesta nas perversões, de características anacrônicas da sexualidade: o indivíduo exerce certos tipos de atividade ou então permanece ligado a algumas características do 'objeto' cuja origem pode se encontrar em certo e determinado momento da vida sexual infantil. Se o papel do trauma não for negado, ele intervém aqui sobre um fundo de uma sucessão das experiências sexuais, vindo a favorecer a fixação num ponto determinado.

(Laplanche e Pontalis, 1988: 252)

Por *elaborar* Reich entende o processo de associar o conteúdo de uma vivência atual com o conteúdo de vivências anteriores. Nesse caso, uma primeira vivência propiciaria uma idéia fundante no aparelho psíquico que possibilitaria, numa experiência posterior similar, a ocorrência da representação desses conteúdos no inconsciente. A definição de elaboração dada por Laplanche e Pontalis é:

A expressão utilizada por Freud para designar, em diversos contextos, o trabalho realizado pelo aparelho psíquico com o fim de dominar as excitações que chegam até ele e cuja acumulação ameaça ser

patogênica. Esse trabalho consiste em integrar as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas conexões associativas. (1988: 196)

Já a *repressão* provém da memória de experiências dolorosas vividas anteriormente e que hoje não podem chegar à consciência. O que causa a repressão é uma impossibilidade de elaboração psíquica para uma determinada situação. Então, a condição básica para a repressão é a presença de um conteúdo não elaborado que traz angústia, e que é mantido, então, sem representação simbólica.

Reich segue dizendo que o que decorre da insatisfação libidinal é a *frustração*. O efeito patogênico da frustração se dá quando há um único objeto de desejo ou uma única forma de gratificação. Quando é possível uma compensação através de outra forma de gratificação, temos, então, a *sublimação*. Nesse caso, os objetivos sociais estão acima dos sexuais.

Ocorre que as pessoas têm capacidade limitada de sublimar. Também a satisfação fica presa a um pequeno número de objetos e fins. Isso interfere na mobilidade da libido. Em suma, na etiologia da neurose a fixação libidinal se apresenta como fator interno e a frustração como fator externo. Esses dois fatores são igualmente preponderantes na causa das neuroses.

Conclui Reich, assim, que há três fatores na etiologia das neuroses: a frustração; a fixação da libido que busca um caminho de escoamento; e a tendência ao conflito entre as forças do ego e a energia libidinal.

Da mesma forma, como a libido percorre essas fases, sofrendo intervenções e influências do contato com o meio, também o caráter vai ter sua

formatação de acordo com o grau, maior ou menor, de fixação em cada um desses momentos.

A base da formação do caráter está na maneira como o sujeito dá uma resolução para a situação enfrentada. Ou seja, na consolidação de um jeito particular de lidar e funcionar com situações que venham a reproduzir os sentimentos daquele primeiro momento. É uma resposta defensiva que é vivida pelo consciente como algo constitucional e não fruto de uma fixação neurótica.

Os mecanismos de defesa passam a ser preponderantes, independentemente do conteúdo. A finalidade desses mecanismos de defesa seria de preservar o *ego* das exigências internas e externas. Seria o caráter o defensor do *ego* quanto às solicitações do *id* e as restrições do *superego*. *Os mecanismos de defesa utilizam-se da energia disponível, não para obter prazer, mas tranqüilidade.* É um investimento energético em paralisia. É um investimento em conter o fluxo. Em permanecer estático para não sofrer. Os mecanismos de defesa nos protegem da angústia. Com eles, perdemos parte de nossa vida psíquica, embora o resto continue funcionando. Mas há uma perda na capacidade de usufruto da vida.

Reich denomina a formação do caráter de *encouraçamento*, por ser, essa formação, restritiva da mobilidade do psiquismo como um todo. Os fluxos vitais espontâneos se detêm diante da rigidez da couraça. Observou que assim como há um enrijecimento no psiquismo, também lhe corresponde um enrijecimento no corpo. Ou seja, as tensões que objetivam defender o corpo das vicissitudes da vida, se cronificam. E, assim, o corpo não perde a estrutura defensiva, mesmo que não esteja ameaçado. As tensões crônicas enrijecem o corpo que, da mesma

forma como está defendido de ser atacado, também está defendido de receber sensações prazerosas. A couraça limita a mobilidade e diminui a amplitude das sensações. Tende a respostas automáticas e percepção reduzida.

E como se dá a formação do caráter?

O caráter consiste numa mudança crônica do ego que poderia se descrever como um enrijecimento. Esse enrijecimento é a base real para que o modo de reação característico se torne crônico; sua finalidade é proteger o ego dos perigos internos e externos. (Reich, 1986: 159)

Ao falar de enrijecimento, Reich está querendo dizer que há uma tendência de cristalização na maneira de funcionar, ou seja, uma tendência do organismo a dar respostas automáticas. Essas respostas se configuraram a partir de um momento em que foram usadas com sucesso no sentido de evitar a dor e o desprazer. Essa automação corresponde ao que chamamos de comportamento rígido. Não há, nesse caso, a possibilidade de estabelecer o novo, o singular, diante do novo momento. Não há uma permeabilização pelo acontecimento. O que reage não compõe, apenas reproduz uma forma padronizada de comportamento.

A natureza protetora constante desse mecanismo pode ser chamada de *encouraçamento* ou *couraça muscular*. Isso porque na sua formação acontece uma contração muscular decorrente da reação do sistema neurovegetativo que, diante da dor ou do medo, se contrai. É uma resposta somática que tem como objetivo defender o organismo de um possível ataque. Mesmo sendo uma couraça, pressupõe certa flexibilidade. Segundo Reich, a couraça reage de acordo com o princípio do prazer: no prazer se expande (ficando mais permeável), no desprazer se contrai (ficando mais rígida). A flexibilidade será maior ou menor de

acordo com a história de formação do caráter de cada um. Quanto maior for o encorajamento, mais neurótica a pessoa; quanto mais flexível, melhor contato com a realidade.

A coragem objetiva defender o *ego*, por isso é em torno dele que ela se forma. Reich a designa como *caráter do ego*. E acredita que o mecanismo utilizado pelo *ego* para se proteger da força das pulsões sexuais é o recalçamento. Assim, um conjunto de ações se processa para evitar a situação temida. Se esses mecanismos encontram uma “boa” resolução, eles chegam a um enrijecimento, o que provoca uma reação de repetição frente a situações que causem angústia semelhante. Essa “boa” resolução é uma saída para aquele momento, não significando o mesmo para situações posteriores. É registrada, porém, pelo psiquismo como conveniente e se cristaliza, passando a atuar automaticamente, sempre que uma situação similar se apresente.

Como se dá, para Reich, o enrijecimento do *ego*?

Visando a atender às necessidades econômico-libidinais, o enrijecimento do *ego* ocorre com base em três processos:

- no primeiro, busca identificar-se com a realidade frustrante, ou seja, com a imagem da principal pessoa repressiva; aqui se encontra o sentido para o encorajamento;
- no segundo, volta a agressão que mobilizou contra a pessoa repressiva para si mesmo; aqui há o bloqueio parcial da motricidade, criando o fator inibidor do caráter; e

- no terceiro, desenvolve atitudes reativas aos movimentos sexuais, utilizando essa energia para a evitação da pulsão sexual; canaliza parte da libido das pulsões libidinais recalcadas (no sentido da evitação), enfraquecendo sua necessidade de satisfação.

Há, porém, uma multiplicidade de condições para a formação do caráter e não depende apenas do choque entre pulsão e frustração. Tais fatores, segundo Reich, são:

- em que fase do desenvolvimento libidinal a pulsão foi frustrada;
- a frequência e intensidade das frustrações;
- as pulsões contra as quais a frustração é principalmente dirigida;
- o sexo da pessoa responsável pela frustração; e
- as contradições dessas frustrações (ora frustra, ora não frustra).

Para Reich essas condições são oriundas da ordem social e da estrutura econômica vigente. São os pais ou as pessoas que tomam conta da criança, os principais responsáveis pela educação repressora e autoritária imposta pela sociedade, uma vez que eles executam os mandamentos da mesma, atrelados que estão à própria couraça.

Não negamos a existência de um fator hereditário na determinação dos modos de reação; até o recém-nascido tem seu 'caráter'. Sustentamos, porém, que o fator decisivo é o ambiente. Este determina se desenvolverá ou intensificará uma pré-disposição. (Reich, 1986: 169)

Reich parece querer dizer que, embora o caráter seja em parte inato ou herdado da constituição genética dos pais, é na interação com o meio que ele vai

se desenvolver. A herança de caráter teria um papel potencial, o caráter se desenvolveria e se completaria no meio. E reforça essa opinião com a seguinte observação:

O argumento decisivo contra o ponto de vista de que o caráter é inato é fornecido por pacientes em quem a análise demonstra que um modo definido de reação existiu até uma certa idade, desenvolvendo-se depois um caráter completamente diferente. (Reich, 1986: 169)

Reich parece, aqui, ver de forma mais ampla as condições que permitem ao ser se libertar de uma predeterminação. Mais do que fatores genéticos, a experiência poderá ser decisiva na formação do caráter.

Ao examinar todas as estruturas de caráter, sempre está presente o conflito da relação entre os pais e a criança. Mais uma vez, esses pais estão aí como os representantes da cultura. Reich deduz que essa situação traz angústia. Surge, portanto, uma tentativa de resolver o conflito e de perpetuar essa resolução. Também considera provável que a superestimação do fator hereditário se dê por um temor inconsciente às críticas que poderão ser feitas em relação à educação e aos fatores ambientais. Assim o comprometimento sai do social e fica no âmbito hereditário da família, do inexorável, daquilo que não é possível mudar.

Reich acredita que o complexo de Édipo é estrutural e permanece aderido à estrutura psíquica. Que fica impresso no caráter de cada um.

À frase de Freud de que o complexo de Édipo se desvanece pela angústia da castração, devemos acrescentar o seguinte: que, de fato, ele se desvanece, volta a surgir, porém, em forma de reações de caráter que, por um lado, perpetuam suas principais características de

maneira distorcida e, por outro, constituem formações reativas contra seus elementos básicos. (Reich, 1986: 169)

Aquilo de que Reich dispunha teoricamente era a concepção do complexo de Édipo. Mas parece discordar de sua função determinista (do seu aspecto universal e estrutural) e o situa como estrutural da neurose.

Para Reich o caráter neurótico se constitui num comprometimento tanto em seu conteúdo como em sua forma. Estão presentes no caráter, tanto a pulsão infantil (conteúdo) como a defesa (forma). Ou seja, o conflito infantil básico permanece, transformado em formas padronizadas de reação, que voltam a se repetir por terem se tornado crônicas. É daí que se pode identificar o conflito infantil, expresso na padronização de respostas.

A natureza do caráter, que tem como função proteger o *ego*, indica que ele se destina à evitação do perigo. Assim, sua formação se dá na busca de atender as pulsões do *id* sem deixar de defender-se das possibilidades do perigo externo.

Há dois conceitos utilizados por Freud e Ferenczi que são interessantes na compreensão da formação do caráter no pensamento reichiano: haveria na vida psíquica uma adaptação *aloplástica* e uma adaptação *autoplástica* (teoria de Lamarck). Na adaptação *aloplástica*, o organismo modifica o ambiente. Na adaptação *autoplástica*, o organismo modifica a si mesmo. Em ambas as situações, o que está sendo visado é a sobrevivência.

Biologicamente a adaptação *autoplástica* na formação de caráter se iniciaria a partir dos contatos externos, desagradáveis e limitadores, apresentados pelo mundo de relações. O choque entre o *id* e a frustração ou limitação da libido impostas pelo mundo externo levam à angústia. O aparelho psíquico reage a essa

angústia erguendo uma barreira protetora entre si e o mundo externo. Há diferentes manifestações de angústia: *angústia real*, *angústia do prazer* e *angústia estásica*. A angústia real ocorre diante de um perigo real advindo do exterior. Já a angústia do prazer é o medo à excitação prazerosa (devido à negação da sexualidade). E angústia estásica é causada pela estase da energia sexual no centro do organismo, quando se inibe a descarga orgástica periférica.

Pensando topograficamente, há uma luta entre o *id* e o mundo externo, na qual o *ego* fica como um amortecedor ou moderador entre os dois. Está claro que Reich encontra embasamento teórico na conceituação topográfica da psicanálise que dimensiona o aparelho psíquico entre *id*, *ego* e *superego*.

O ego – a parte da personalidade exposta ao mundo exterior – é onde tem lugar a formação do caráter; funciona como um amortecedor na luta entre o id e o mundo exterior (de onde se forma o superego). A moral do ego, não deriva pois do id, do organismo narcisista-libidinal; pelo contrário, é um corpo estranho tomado do ameaçador e proibido mundo exterior. (Reich, 1986: 172)

Diferentemente de Freud, Reich parece não identificar os mecanismos repressores na natureza do psiquismo, e sim achar que os mesmos são incorporados a partir do contato doloroso com o mundo externo. As forças repressivas viriam de fora, o que indica uma valorização do mundo e das forças externas, pelo menos nesse momento de sua obra.

Por caráter entendemos aqui não só a manifestação exterior desse elemento, senão também a somatória dos modos de reação específicos de tal ou qual personalidade, em outras palavras, um fator determinado em essência em forma funcional, que se expressa nos modos característicos de falar, da expressão facial, da postura, da

maneira de caminhar, etc. Esse caráter do ego consta de vários elementos do mundo exterior, de proibições, inibições das pulsões e identificações de distintos tipos. (Reich, 1986: 172)

Reich parece querer dizer aqui que o que forma o caráter do ego são elementos materiais de origem externa. São as proibições, inibições pulsionais e as diferentes formas de identificação. Na verdade, a grande preocupação de Reich é com o homem patológico, com o homem que sofre. Ele não tem uma preocupação em pensar o homem filosófico. É o homem que vai à clínica; que vai buscar a psicanálise, porque de alguma forma está comprometido em sua potência. Por isso Reich tenta encontrar a potência do homem nele mesmo. Se a ameaça à expressão da sexualidade se encontra, porém, na base de formação do caráter não será suficiente para a sua manutenção (ameaça), pois:

Contra os perigos reais do mundo exterior o homem civilizado tem a sua disposição uma grande riqueza de meios, as instituições sociais em todas as suas formas. Sendo um organismo altamente desenvolvido, conta com um aparelho muscular que lhe permite fugir ou combater, e com um intelecto que lhe permite prever e evitar os perigos. (Reich, 1986: 173)

O autor afirma, portanto, que o homem adulto teria condições de se safar dos verdadeiros perigos ao lutar por sua sobrevivência. Pois o organismo humano é suficientemente desenvolvido, com musculatura para fugir ou lutar, e intelectualmente dotado para prevenir-se e escapar de possíveis perigos. Isso não acontecia na ocasião em que essa proteção da couraça se formou, quando o organismo ainda não tinha preparo para elaboração da frustração vivida, além de dispor de menor preparo físico para o ataque ou fuga. No entanto, foi determinante

para a formação de um modo de funcionar automático, padronizado, uma vez que os recursos encontrados por ocasião da frustração foram eficazes.

Diante da angústia, os mecanismos protetores do caráter entram em ação. Isso poderá ocorrer tanto por uma condição interna, em que a pulsão possa significar perigo, quanto por estímulos externos. Então o caráter tem de dar conta da angústia atual, que advém da energia da pulsão que não encontra caminho de resolução (estase).

A angústia é uma excitação provinda de um momento não elaborado, no qual não foi possível constituir-se uma representação simbólica para o acontecido. Sendo assim, para Reich o caráter é uma forma crônica, congelada, de angústia.

Outro conceito psicanalítico que Reich foi buscar para fundamentar a teoria da formação do caráter foi o de *recalque*. E, aqui, vamos ter um conceito que é fundamental para a psicanálise. Reich vai defender esse conceito no que abrange o seu ponto de vista econômico e dinâmico.

Do ponto de vista econômico, levará em conta os *desinvestimentos*, *reinvestimentos* e *contra-investimentos pulsionais*, no direcionamento da energia e na sua distribuição econômica.

Do ponto de vista dinâmico, será considerada a motivação para o recalque. Se inicialmente a pulsão obedeceria ao princípio do prazer, por que viria a causar desprazer? O desprazer decorre da repressão social da sexualidade. Para defender-se dessa angústia surgem os mecanismos de defesa.

O recalque já era usado por Reich da mesma forma que Freud o usava. O recalque é inconsciente, é parte do psicológico do indivíduo, enquanto a repressão é uma censura consciente, quer dizer, é a sociedade quem censura.

A relação entre caráter e repressão é a seguinte: a necessidade de reprimir exigências pulsionais origina a formação de caráter. Contudo, uma vez que o caráter foi formado, torna-se desnecessária uma grande quantidade de repressão; isso é possível porque as energias pulsionais livres, no caso da simples repressão, são absorvidas pelas próprias formações caracterológicas. (Reich, 1986: 173)

Isso sugere que ao formatar um traço de caráter, o conflito que envolve um recalçamento foi solucionado. Seja porque uma vez resolvido o conflito, o recalçamento se torna desnecessário ou porque o recalque é transformado numa formação relativamente rígida, justificada pelo ego. Dessa maneira, o desenvolvimento do caráter está em conformidade com as tendências do ego para unificar os empenhos do organismo.

Reich conclui que o que se pode observar na prática clínica é que as repressões advindas de traços de caráter rígidos são mais difíceis de serem eliminadas do que aquelas que produzem sintoma. O sintoma é mais facilmente identificado, mas, de qualquer forma, é algo não completamente tolerado pelo organismo. Por sua vez, o traço de caráter rígido está acomodado e integralizado pelo ego, faz parte da auto-imagem, por isso é entendido como algo da essência, não causando estranhamento. Contudo, permanece estático, impedindo a mobilidade, o movimento em direção à vida. É também a censura estabelecida no corpo. Como fica esse corpo censurado? Encouraçado, reprimido em sua livre expressão.

Há uma relação definida entre o ponto de partida da formação do caráter, ou seja, proteção contra perigos pulsionais internos e angústia estática, e absorção das energias pulsionais. (Reich, 1986: 173-4)

Parece que aquilo que serviu inicialmente para defesa da vida, ou seja, a repressão sexual, acabou se tornando, em última instância, em defesa de interesses da sociedade e da cultura. O que deveria causar prazer leva à perspectiva de desprazer, face à repressão da sociedade, e à conseqüente evitação do prazer sexual para obtenção de aprovação social.

A evolução desde os tempos primitivos até a civilização de nossos dias exigiu uma considerável restrição da gratificação libidinal, e também de gratificação de outros tipos. A evolução humana tem se caracterizado pelo aumento da supressão sexual: em particular, o desenvolvimento da sociedade patriarcal foi paralelo a uma crescente disrupção e restrição da genitalidade. Com o progresso da civilização, o número e a intensidade dos perigos exteriores, foram progressivamente diminuindo, ao menos para o indivíduo; desde o ponto de vista social os perigos para a vida do indivíduo aumentaram. As guerras imperialistas e a luta de classes sobrepujam os perigos dos tempos primitivos. (Reich, 1986: 174)

A organização defensiva utilizada pelo indivíduo adulto não é mais necessária. Esses mecanismos se reuniram num momento de real “indefensão”, isto é, quando o indivíduo não dispunha de mecanismos de defesa suficientes para enfrentar satisfatoriamente a situação. Aí permanecem, então, para servirem a outros propósitos, nesse caso, para limitar as exigências pulsionais do *id*. Se pensarmos a couraça como uma forma congelada, uma reação automática, é fácil imaginarmos que ela não serve para todo o tipo de situação que venhamos a

enfrentar em nossos relacionamentos. Ocorre que ela funciona para limitar também as exigências vindas de dentro do aparelho pulsional. E, nesse caso, é bloqueado o movimento pulsional, antes que encontre o mundo das relações para se manifestar. Enfim, há um bloqueio da manifestação do próprio desejo, desempenhado pela couraça ou armadura.

Obviamente, a civilização buscou criar proteção e mostrou-se eficiente em relação à segurança individual, mas isso também apresenta desvantagens.

Para evitar a angústia atual (ocasionada por perigos externos reais), as pessoas tiveram de reprimir suas pulsões: a agressão deve ser reprimida mesmo quando se está morrendo de fome por causa da crise econômica e a pulsão sexual é limitada por normas e preconceitos sociais. Transgredir as normas significa um perigo real, por exemplo, punição por 'furto' e masturbação infantil, e prisão por incesto ou homossexualidade. (Reich, 1986: 174)

Nesse caso, não só a frustração como também a punição ou o medo de enfrentá-las atuam como forças de paralisação. Para ter a minha vida de volta será necessário abandonar aquilo que me salvou um dia. Ou seja, para que possa haver fluxo, é necessário abandonar essa maneira de ser, essa couraça que provoca estase. *A angústia estática e a angústia atual exercem uma ação recíproca: quanto mais angústia atual se evita, tanto mais se intensifica a angústia estática, e vice-versa. (Reich, 1986: 174)*

A angústia estática tem como objetivo evitar um perigo pulsional, ela, porém, não livra o ser da angústia, porque na impossibilidade de ocorrer uma descarga libidinal, permanece a excitação como num circuito fechado, o que é sentido como angústia: excitação sem fluxo de descarga.

Aquele que busca atender suas pulsões libidinais, o faz independentemente do risco de exclusão social. O homem menos encorajado tem seus recursos mais primitivos em uso, está mais perto da natureza de seu corpo. Os animais que tem uma organização social precária estão mais sujeitos à angústia real. No entanto, se não forem animais domesticados, raramente sofrerão de estase pulsional. São menos encorajados, mais dinâmicos em buscar satisfação libidinal. Obviamente eles não possuem um córtex cerebral que lhes possibilitaria a simbolização. Mas é inegável que são organismos vivos e que buscam satisfação e, nessa medida, estão mais livres para atender seus fluxos, pois não estão inseridos numa cultura.

A formação do caráter tem uma dinâmica que envolve princípios econômicos. São eles:

- a evitação da angústia atual (medo da punição);
- a angústia de estase (medo da excitação); e
- o princípio do prazer.

Quando da formação do caráter, o que se encontra presente é a necessidade de evitar os perigos existentes na satisfação das pulsões. Essas ameaças se apresentam, num primeiro momento, como medo da punição e, num segundo momento, como medo da excitação. Mesmo depois da couraça formada, o princípio do prazer continua a atuar, uma vez que o caráter não serve apenas como defesa contra as pulsões, ele também é uma forma de satisfazer pulsões distorcidas. Como um jeito de ser, uma maneira adaptada de resolver o conflito

entre *id* e *superego*, o caráter vai buscar uma maneira de atender, ainda que distorcidamente, às exigências pulsionais.

Enquanto esta diminuição da tensão difere fenomenologicamente da gratificação direta, seu valor econômico é quase o mesmo, pois também possibilita a diminuição da tensão. A energia pulsional é usada para ligação e solidificação dos conteúdos de caráter (identificações, formações reativas, etc.). (Reich, 1986: 175)

Para ampliar o entendimento da noção de caráter, cabe aqui falar sobre energia livre e energia ligada, conceitos também oriundos da psicanálise. São conceitos embasados na distribuição econômica da energia psíquica ou libido. Laplanche & Pontalis definem *energia livre* e *energia ligada* como:

Temas que exprimem, do ponto de vista econômico, a distinção freudiana entre processo primário e secundário. No processo primário, a energia diz-se livre ou móvel à medida que se escoia para a descarga da maneira mais rápida e mais direta possível; no processo secundário, ela é ligada, à medida que o seu movimento para a descarga é retardado ou controlado. Do ponto de vista genético, o estado livre da energia precede, para Freud, o seu estado ligado, pois este caracteriza um grau mais elevado de estruturação do aparelho psíquico. (1988: 200)

Há uma oposição entre esses dois momentos de energia (livre e ligada) que embasa economicamente a distinção entre processo primário e processo secundário. No processo primário o caminho da energia é livre e se dá num sentido de escoamento imediato de descarga. No processo secundário a energia se liga a imagos, ou seja, está vinculada.

O processo psíquico primário é totalmente inconsciente e é o domínio das pulsões, em que, segundo Freud: *as catexias podem com facilidade ser completamente transferidas, deslocadas e condensadas.* (1920: 51) Através da elaboração onírica é possível se apreender algo desse processo. Já o processo psíquico secundário corresponde à vida de vigília normal; do ponto de vista tópico, diz respeito ao sistema pré-consciente e consciente. Enquanto no processo primário a energia excitatória busca o escoamento imediato, no processo secundário a energia se liga para talvez encontrar uma resolução mais tarde. Essa energia é chamada de *energia quiescente*, ou seja, é uma energia que se transforma de um estado de fluxo livre para um estado quiescente. É uma energia potencial, que se encontra como que em um reservatório de tensão nervosa. É uma excitação tônica, mas a energia é estática e, como já dissemos, correspondente ao processo secundário.

No caso do processo secundário, é a identidade de pensamento que é buscada: *O pensamento deve seguir pelos caminhos de ligação entre as representações sem se deixar iludir pela intensidade delas.* (Freud, 1900/01: 545-6)

Parece que aqui temos referência ao funcionamento neurótico, ou como funciona a couraça caracteriológica no sentido da tendência à repetição.

Em 1920, em *Além do princípio do prazer*, Freud faz uma referência ao funcionamento do sistema consciente quanto aos processos excitatórios, diferentemente do sistema pré-consciente e inconsciente. Alega que provavelmente a diferença de funcionamento se dê pelo sistema consciente estar diretamente em contato com o mundo externo, enquanto nos outros sistemas os

processos excitatórios não deixam nenhuma alteração permanente em seus elementos.

Peço paciência ao leitor, pois optei por fazer uma longa citação da obra do Freud, por considerá-la importante e elucidativa a respeito de como Reich encontrou na psicanálise os fundamentos para o conceito de formação da couraça e do caráter.

Imaginemos um organismo vivo em sua forma mais simplificada possível, como uma vesícula indiferenciada de uma substância que é suscetível de estimulação. Então, a superfície voltada para o mundo externo, pela sua própria situação, se diferenciará e servirá de órgão para o recebimento dos estímulos. Na verdade, na embriologia, em sua capacidade recapituladora da história desenvolvimental, mostramos realmente que o sistema nervoso central se origina do ectoderma; a matéria cinzenta do córtex permanece um derivado da camada superficial primitiva do organismo e pode ter herdado algumas de suas propriedades essenciais. Seria então fácil supor que, como resultado do impacto incessante de estímulos externos sobre a superfície da vesícula, sua substância, até uma certa profundidade, pode ter sido permanentemente modificada, de maneira que os processos excitatórios nela seguem um curso diferente do seguido nas camadas mais profundas. Formar-se-ia então uma crosta que acabaria por ficar tão inteiramente 'calcinada' pela estimulação, que apresentaria as condições mais favoráveis possíveis para a recepção de estímulos e se tornaria incapaz de qualquer outra modificação. Em termos do sistema Cs., isso significaria que seus elementos não poderiam mais experimentar novas modificações permanentes pela passagem da excitação, porque já teriam sido modificadas, a esse respeito, até o ponto mais amplo possível; agora, contudo, se teriam tornado capazes de dar origem à consciência. (1920: 41-2)

Nessa afirmação pode-se perceber a similaridade do conceito reichiano da origem psicofísica da couraça. Ao contato superficial, causador de impacto, o organismo vai criando uma crosta de proteção, que diminui a possibilidade de afetação pelos estímulos oriundos do mundo exterior.

Contudo, temos mais a dizer sobre a vesícula viva, com sua camada cortical receptiva. Esse pequeno fragmento de substância viva acha-se suspenso no meio de um mundo externo carregado com as mais poderosas energias, e seria morto pela estimulação delas emanadas, se não dispusesse de um escudo protetor contra os estímulos. Ele adquire esse escudo da seguinte maneira: sua superfície mais externa deixa de ter a estrutura apropriada à matéria viva, torna-se até certo ponto inorgânica e, daí por diante, funciona como um envoltório ou membrana especial, resistente aos estímulos. Em consequência disso, as energias do mundo externo só podem passar para as camadas subjacentes seguintes, que permanecem vivas, com um fragmento de sua intensidade original, e essas camadas podem dedicar-se, por trás do escudo protetor, à recepção das quantidades de estímulo que este deixou passar. Através de sua morte, a camada exterior salvou todas as camadas mais profundas de um destino semelhante, a menos que os estímulos que a atinjam sejam tão fortes que atravessem o escudo protetor. O escudo protetor é suprido com seu próprio estoque de energia e deve, acima de tudo, esforçar-se por preservar os modos especiais de transformação de energia que nele operam, contra os efeitos ameaçadores das enormes energias em ação no mundo externo, efeitos que tendem para o nivelamento deles e, assim, para a destruição. (Freud, 1920: 43)

Já nesse parágrafo Freud considera o valor da camada protetora. Pois o volume de estímulos externos não seria suportável a um organismo, tal sua intensidade. O problema, a meu ver, é que quando se dá a formação da couraça o

organismo ainda é bastante precário para se proteger dos estímulos externos, mas é exatamente essa forma crônica de reação (barreira protetora), que acaba prevalecendo, mesmo quando já não é mais necessária. Freud ainda faz referência à energia disponível para sustentação da camada protetora. Assemelha-se ao que Reich diz sobre a energia gasta na manutenção da couraça, ao invés de ser investida em prazer.

Por essa obra ter sido escrita no momento em que Reich descobre Freud e a psicanálise, imagino que o impacto causado ao primeiro deve ter sido muito grande. Quem sabe se o enfoque de Reich sobre o caráter não tenha ocorrido exatamente sobre esse precioso material encontrado por primeira vez no momento em que terminava o curso de medicina. E talvez daí haver surgido o interesse de Reich em desenvolver mais profundamente esse conceito. Uma vez mais, essa referência parece confirmar minha hipótese de que Reich não tinha a intenção de negar o que Freud disse até então, mas seu interesse recaía em aprofundar conceitos não tão explorados, sempre visando sua explicação e aprimoramento da clínica. Ou seja, desenvolver e ampliar a técnica psicanalítica.

Para ilustrar essa noção de caráter e seu funcionamento econômico, trago a autora chilena Marcela Serrano que diz que o problema da neurose é que investimos cem por cento, recebemos de retorno sessenta por cento e inventamos os outros quarenta para fingir que nos satisfizemos. Em seu romance *El albergue de las mujeres tristes* (1997), descreve muito bem esse processo neurótico de satisfação, como, às vezes, só a arte consegue fazê-lo. Serrano nos sugere que a satisfação não é completa, é uma forma de nos ludibriarmos, de acreditarmos que conseguimos, apaziguando assim o conflito enfrentado pelo ego.

A qualidade e a quantidade da couraça do caráter será determinante para as possibilidades de flexibilidade e de permeabilidade da estrutura psíquica. Se o encouraçamento atingiu de alguma forma uma compatibilidade com o desenvolvimento da libido, serão possíveis algumas brechas que tornam o mundo interno permeável e possibilitam o contato com o mundo externo. Nestas brechas se encontra alguma mobilidade para a libido que buscará satisfação pulsional, livre da couraça. Qualitativamente o caráter será determinado pela fase do desenvolvimento libidinal na qual houve fixação. Quantitativamente vai depender da economia da libido, ou seja, da energia envolvida nos processos atuais. Nessa medida esse é um fator responsável pela forma atual do caráter. (Reich, 1986: 175)

Para Reich a couraça do caráter tem uma função econômico-sexual. Ou seja, a sua dinâmica visa a atender a um processo disparado pelo movimento libidinal na busca do prazer. Na percepção do autor, há duas estruturas possíveis de caráter: neurótico e genital.

Por caráter neurótico Reich entende: caráter que, devido à estase sexual crônica, funciona de acordo com os princípios da regulação moral compulsiva. Caráter genital é o caráter não-neurótico. É o caráter capaz de auto-regulação natural (não sofre de estase sexual). Dessa forma: *Verificamos que existem meios adequados para assimilar a angústia. Meios adequados são a gratificação orgástica genital e a sublimação; meios inadequados são todos os tipos de gratificação pré-genital e as formações reativas. (Reich, 1986: 177)*

Do ponto de vista qualitativo, ao caráter genital caberia a satisfação orgástica genital e a sublimação; e ao caráter neurótico, as satisfações pré-genitais e as formações reativas. Já do ponto de vista quantitativo, o caráter genital alterna entre tensão (excitação) e satisfação adequada (descarga) da

libido, havendo uma regulação da economia libidinal. O caráter neurótico está sujeito a uma crescente estase da libido, uma vez que suas possibilidades de satisfação não atendem às necessidades pulsionais.

Em termos de suas diferenças qualitativas, o caráter neurótico e genital são tipos ideais. Os caracteres reais são tipos mistos e a possibilidade de uma boa economia libidinal depende do grau de mistura. Em termos da quantidade de gratificação libidinal direta possível, os caracteres genital e neurótico não de ser considerados como tipos médios: ou a satisfação da libido chega a um ponto tal em que é capaz de eliminar a estase da libido ou isso não acontece. No último caso, desenvolvem-se sintomas ou traços de caráter neurótico que prejudicam a capacidade social e sexual. (Reich, 1986: 177)

Reich não acredita em uma posição única, ou seja, que alguém se encontre fixado dentro de um tipo de caráter, seja ele genital ou neurótico, mas sim que existe um trânsito entre ambos, a que ele chama de “tipos ideais”. Para identificar as diferenças qualitativas desses dois tipos ideais, ele usa o recurso topográfico, mencionando como seria a atuação dos mesmos nas instâncias do id, superego e ego.

Na estrutura do id, Reich entende que o caráter genital se encontra completamente capacitado para atender e usufruir suas possibilidades.

O caráter genital atingiu completamente a fase genital pós-ambivalente; o desejo de incesto e o desejo de se livrar do pai (da mãe) foram abandonados, e os empenhos genitais projetados sobre um objeto heterossexual que não representa, como acontece no caso do caráter neurótico, realmente o objeto de incesto. O objeto heterossexual assume completamente o papel – mais especificamente, o lugar – do objeto incestuoso. O complexo de Édipo já não é um fator

contemporâneo; foi resolvido. Não está reprimido: antes, está livre de catexia. As tendências pré-genitais (analidade, erotismo oral e voyeurismo) não estão reprimidas. Em parte se fixaram no caráter como sublimações culturais; em parte, têm participação nos prazeres que antecedem a satisfação direta. Estão, de qualquer forma, subordinadas aos empenhos genitais. O ato sexual continua a ser o objetivo sexual mais importante e mais agradável. (Reich, 1986: 178)

De alguma maneira, a estrutura de caráter genital parece estar possibilitada a usufruir plenamente da vida e de todas as forças pulsionais do *id* na direção da realização sexual. Reich dá espaço também para a agressão, mencionando que teria sido sublimada em realizações sociais, e uma pequena parte dirigida para a sexualidade genital, significando uma adequada distribuição das forças pulsionais, o que asseguraria uma completa satisfação orgástica. Atingiria sua plenitude por meio do sistema genital, mas teria satisfação anterior na pré-genitalidade. Quanto melhor for a interação entre a libido pré-genital e genital maior é a possibilidade de satisfação e menor a tendência a uma estase patogênica da libido.

No caso do caráter neurótico, pode até mesmo haver alguma satisfação orgástica, quando o indivíduo não é abstinente, mas não ocorre em plenitude. Não há uma descarga total da libido livre e não sublimada. Ou seja, há um comprometimento da potência orgástica.

A regulação da energia sexual depende da potência orgástica, isto é, da capacidade do organismo de permitir um livre fluxo das convulsões clônicas² do reflexo do orgasmo. O organismo encoraçado é incapaz

² clônica: contrações espasmódicas.

da convulsão orgástica; a excitação biológica é inibida por espasmos em várias regiões do organismo. (Reich, 1986: 178)

Nesse caso, o orgasmo nunca é pleno. O objeto incestuoso tem um investimento atual ou é usado para formações reativas. Há um alto investimento no sistema pré-genital. Como num círculo vicioso, as fixações sexuais infantis perturbam a função orgástica; essa perturbação desenvolve uma estase de libido; a libido em estase se volta para as fixações pré-genitais intensificando-as. E a energia libidinal excedente não está disponível para a ação social, ela é direcionada para o recalque de pulsões infantis.

Para Reich, no caráter genital, *existe um alto grau de harmonia entre o id e o superego* (1986: 179), que nesse caso afirmaria o sexo. Pois com a superação do complexo de Édipo, não há necessidade de contra-investimento das pulsões libidinais. Não há proibições do *superego* para as intenções e finalidades sexuais. A libido genital é diretamente satisfeita não tendo necessidade de outras vias de escoamento. Existe um *superego* que tem um critério próprio e que funciona a favor da potência do ser.

Já no caráter neurótico, o complexo de Édipo não foi superado. E a atuação do *superego* é garantida por seu elemento central: a proibição do incesto. Assim, o recalque sexual do *ego* associado à estase da libido cria dispositivos sádicos, representados pela moralidade. A possibilidade de direcionar energia para ações sociais é grande. Não apresentam, porém, um grau de satisfação razoável, uma vez que o sentimento de impotência (orgástica) mais ou menos consciente está presente.

As provas compensadoras da potência na realização social não podem, de maneira alguma, substituir o sentimento de potência genital; por essa razão, o caráter neurótico nunca chega a se livrar de um vazio interior e de um sentimento de incapacidade por mais que tente compensá-lo. (Reich, 1986: 180)

Parece que Reich se refere à insuficiência da sublimação para dar conta da potência orgástica. As gratificações genitais são importantes. A gratificação orgástica é insubstituível. Reich foi muito preciso a esse respeito em *A função do orgasmo* (1934). A sublimação desempenha um papel mais importante como substituição das gratificações pré-genitais. É possível sublimar, mas isso não elimina a necessidade de gratificação orgástica.

No caráter genital, o ego não se opõe ao *id* e, nesse caso, gasta pouca energia em contra-investimentos, sobrando muito mais energia para atuar e experimentar o mundo externo. De acordo com Reich, nesse tipo de caráter: *a atuação e a experiência são intensas e de livre fluxo. (1986: 181)*

O ego do caráter genital apresenta uma couraça flexível, que ele mesmo domina e não é dominado por ela, como no caso do caráter neurótico.

A flexibilidade e a força de sua couraça se evidenciam pelo fato de, em um caso, ele se abrir ao mundo de modo tão intenso quanto, em outro, se fechar a este. A capacidade de se dar revela-se principalmente na experiência sexual: no ato sexual com o objeto amado, o ego quase deixa de existir, com exceção de sua função de percepção. Nesse momento a couraça quase se dissolve por completo. (Reich, 1986: 181)

Dessa forma, o ego tem menos a função de controle e passa a usufruir da experiência, implicado diretamente com o prazer e não com os perigos do contato externo. Como nos ensina Reich:

Os sentimentos neuróticos de culpa praticamente não existem. Sua sociabilidade se baseia na agressão sublimada, não na recalcada, e na orientação para a realidade. Mas isto não significa que ele se submeta sempre à realidade social. Pelo contrário, o caráter genital, cuja estrutura está totalmente em desacordo com a nossa cultura contemporânea moralisticamente anti-sexual, é capaz de criticar e de modificar a situação social. (1986: 182)

O que define o caráter neurótico é a forma inadequada da economia da libido. Ou o ego do caráter neurótico é abstinente sexualmente ou, quando consegue alguma satisfação sexual, vem permeada por sentimentos de culpa. Como um amortecedor entre o *id* e o *superego* está sempre pressionado, parecendo inimigo do *id* e adulator do *superego*. Secretamente, porém, rebela-se contra o *superego* e deseja atender aos mandos do *id*.

O ego está encorajado contra o prazer e o desprazer (bloqueio afetivo), ou acessível apenas ao desprazer, ou bem o prazer se converte imediatamente em desprazer. A couraça do ego é rígida, carece de flexibilidade; as “comunicações” com o mundo externo são insuficientes, tanto à respeito da libido objetal como da agressão. A função da couraça se dirige principalmente contra o interior; o resultado é um enfraquecimento pronunciado da função da realidade do ego. As relações com o mundo externo não são naturais, carecem de vitalidade e são contraditórias, faltando-lhes a participação harmoniosa da personalidade total. Existe incapacidade de experimentar com plenitude as coisas e as pessoas. O caráter genital pode modificar, reforçar ou mitigar seus mecanismos de defesa. O

caráter neurótico, ao contrário, se acha completamente à mercê dos mecanismos inconscientes de seu caráter; não pode operar de forma distinta, ainda que queira fazê-lo. (Reich, 1986: 183)

Nesse caso o ego se assemelha a um malabarista que passa a maior parte do tempo investindo energia em manter distintas demandas em constante atenção, sem, no entanto, privilegiar sua satisfação. Trata-se mais de uma proposta defensiva dos impulsos internos e estímulos externos, do que da possibilidade de viver a experiência livremente, intensamente.

Em se tratando das diferenças entre as realizações sociais do caráter genital e do caráter neurótico, há que se atentar para o funcionamento da sublimação e a satisfação orgástica da libido no caráter genital e a formação reativa no caráter neurótico, na concepção reichiana da psicanálise.

Para Freud, segundo Reich, a *sublimação* é:

(...) o resultado do desvio de um empenho libidinal de seu objetivo original e seu redirecionamento para um objetivo socialmente válido “mais elevado”. A pulsão que recebe uma satisfação sublimada deve ter abandonado seu objeto e sua finalidade originais. (1986: 185)

Reich afirma que uma regulação da economia libidinal garante uma sublimação bem-sucedida e duradoura. Também a insatisfação ou a satisfação apenas pré-genital da libido interfere negativamente na sublimação, podendo ainda a satisfação orgástica genital vir a estimulá-la.

A formação reativa está para o caráter neurótico, assim como a sublimação está para o caráter genital. Enquanto a sublimação tem a tendência a fluir livremente, a formação reativa é espasmódica e compulsiva. A ação na formação

reativa é compulsiva, por isso mesmo propensa à robotização. A ação reativa tende ao automatismo, funciona como uma descarga, cuja motivação vem pelo negativo: “Não posso parar”. Já na sublimação há o prazer do ato, assim como o seu efeito: *O homem que sublima se aproxima mais de suas capacidades do que o homem que trabalha de modo reativo.* (Reich, 1986: 187)

No caso da formação reativa a meta original (sexual) é mantida, o que mantém o processo econômico libidinal repleto de libido. Isso faz com que o ego tenha que continuamente transformar esse investimento em contra-investimento, para então conseguir controlar a pulsão. O ego está constantemente ocupado consigo mesmo, investindo sua energia em autocontrole. Enquanto na sublimação, as energias do ego são livres para atuar e há maior possibilidade de fluxo.

Reich enfatiza que é necessário observar a diferença entre o caráter genital e neurótico da forma mais elástica possível. Até mesmo porque a distinção entre os dois é baseada em critérios quantitativos: o grau de estase da libido ou o grau de satisfação sexual direta. Assim, o leque possível entre esses dois tipos é muito vasto.

É necessário se levar em conta que a distinção entre caráter neurótico e caráter genital não é rígida. Como se baseia em um critério quantitativo – o alcance da gratificação sexual direta, ou então da estase libidinal –, existe toda a sorte de transições entre os dois tipos ideais. No entanto, em termos do seu valor heurístico e do ponto de vista que ela oferece no trabalho prático, uma investigação tipológica parece não só justificada, mas até mesmo imprescindível. Uma vez que este trabalho representa apenas o começo na direção de uma teoria

genética dos tipos, não há nenhuma pretensão em dar respostas a todas as questões relativas a tipologia. (Reich, 1986: 191)

Definitivamente para Reich: *a teoria freudiana da libido, pensada sem restrições e consistentemente, é a única fundamentação legítima para uma caracterologia psicanalítica. (1986: 185)*

3. PROCESSOS DE SINGULARIZAÇÃO

*a consciência é onipresente
a sinto às vezes no peito
porém também está nas mãos
na garganta e nas pupilas
nos joelhos e nos pulmões
mas a consciência mais consciência
é a que se instala no cérebro
e aí ordena proíbe festeja
e até busca interminavelmente
os arquipélagos da alma*

Mário Benedetti

Meu encontro com Gilles Deleuze e, posteriormente, com Félix Guattari é definitivamente encontro de movimento. Conhecer esses autores é como encontrar pessoas que conhecem conhecidos e que, ao mesmo tempo, me apresentam o novo.

O que de mais surpreendente encontrei neles foi o conceito da não-forma, da não-rigidez, mas foi também o de mais difícil apreensão. Esse conceito me despertou interesse, exatamente porque veio ao encontro do conceito de caráter desenvolvido por Reich.

Dizer de não-forma é dizer de uma negação. E o que se nega aqui é o aprisionamento de algo ou de alguma coisa em uma forma. Uma forma preconcebida, uma forma preestabelecida. Uma forma que seja a representação de algo. É não pressupor algo ou alguma coisa dentro de um padrão formativo ou formatativo. O conceito da não-forma não é o do disforme, mas é a possibilidade do processo. É a conceituação do que não tem uma forma pronta e definida, pois

está constantemente encontrando novas possibilidades, isto é, o que era há pouco já não mais o é, pois está num outro momento, de um outro jeito.

Tentarei, neste trabalho, criar uma triangulação linguageira com o que disponho teórica e clinicamente e com os autores citados. Viso com isso a uma nova conexão conceitual. Considerando a linguagem, não disponho de uma forma suficiente, acadêmica ou não, para exprimir a problemática que me toma, uma problemática que, de imediato, já me coloca em estado de desconfiança das formas.

Reich, o primeiro dos autores estudados, aponta como a formação do caráter é o aprisionamento de uma forma, tanto no corpo como no psíquico, de mecanismos de defesa que apresentam respostas automáticas aos encontros proporcionados pela vida.

Foi a palavra “singularidade”, e não o conceito dela, que me fisgou inicialmente na busca de Deleuze e Guattari. Algo mais do sensório que do conceitual me convocou a esse encontro. Pois, certamente, eu tinha minha concepção sobre este termo: singularidade. Mas nada do que pudesse conceber se aproximava daquilo que descobri com esses autores. Foi apenas o que me levou a procurar um primeiro contato, o que primeiro me seduziu. Parece inevitável que algo sempre nos seduza. E no aprendizado não seria diferente. E esse conceito, sinto-o carregado de afetos, mais do que consigo precisar.

É provável que não haja mesmo uma forma definitiva para esse conceito. Trata-se mais do formal do que da forma. Do que está instituído, encarcerado em uma fixação, que nada mais é do que paralisação. E talvez minha atração por ele

esteja exatamente numa eterna reconstrução da possibilidade singular, no sentido de vida que ele promove, no sentido de constante fluxo.

Para quem está lendo, certamente pode ocorrer a necessidade de uma conceituação. É difícil, porém, falar de conceituação, sem incorrer no erro de fixar em palavras algo que está em constante movimento de desconstrução e construção, mas como dizem Deleuze e Guattari:

Não há conceitos simples. Todo conceito têm componentes, e se define por eles. Tem portanto uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda a multiplicidade seja conceitual. (1992: 27)

Buscarei essas cifras e procurarei encontrar esses componentes, constituintes dos conceitos dos quais me valerei neste texto. Buscarei seus contornos irregulares, encontrando alguma saída para o caos que está sempre se acercando dessa discussão tão amplamente filosófica e dispondo minhas impressões sobre tais conceitos.

Procurarei fluir nesta a/ventura do encontro com os autores, preservando, ao máximo, o aprendizado que pude ter com eles, a saber: o pensar em movimento, o pensar nômade.

Considero que a construção do pensamento na cultura esteve sempre orientada em buscar formas para dar conta de informações seguras. Esse fenômeno não ocorre apenas com a ciência, mas também está presente na filosofia. Creio que será com Espinosa, no século XVII, que a filosofia vai propor a dissolução da forma fixa. É possível considerar que Espinosa foi o primeiro a propor a valorização do singular em detrimento de um conceito que abranja o universal. Consideremos a seguinte frase de Espinosa:

Os corpos distinguem-se uns dos outros em razão do movimento e do repouso, da rapidez e da lentidão, e não em razão da substância.
(*Ética II*, Proposição XIII, Axioma II, Lema I.)

Pois bem, tomarei essa frase como suficiente para justificar a necessidade de liberar minhas expressões em relação a formas conceituais fixas; ligarei essa frase ao convite que Nietzsche nos faz de pensar em termos de conceitos plásticos, isto é, conceitos que se determinam relativamente àquilo que eles determinam. Os conceitos são para serem experimentados, pois são plásticos, flexíveis. A função do conceito não é interpretar é explicitar. Como diz Orlandi (2002): *É plástico o conceito que se determina com aquilo que ele determina.*³ Ou seja, o conceito se faz com o que ele está conceituando, é processual.

Os conceitos estão em relação com os jogos de velocidades, lentidões e repousos. Sendo assim, pode-se pensar os corpos em termos de latitudes e longitudes.

Um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. No plano de consistência, um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude: isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto dos afetos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude). (Deleuze e Guattari, 1997: 47)

³ Citação referente a conteúdo expositivo de aula no curso de Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação da PUC-SP, 2º sem. de 2002.

Esse cruzamento que define os corpos, esse encontro de latitudes e longitudes, aponta para uma complexidade cambiante para os corpos. Quero dizer que o que caracteriza um corpo não são suas formas, e sim seus movimentos. Os corpos estão sempre em devir. Estão em constante processo. Não há forma definitiva para eles. O que se tem neste momento já está se transformando. O corpo se transformando por aquilo que ele traz e por aquilo que o afeta.

Escrever este texto é um desafio. Não quero formas fixas e nem mesmo repetir pura e simplesmente o que disseram autores tão interessantes quanto Gilles Deleuze, Félix Guattari, Wilhelm Reich, Espinosa e tantos outros. Quero me deixar emprenhar por eles e quero que esses encontros possam resultar em alguma dança. Que essa dança seja agradável aos olhos e provoque os sentidos de quem, por acaso, o venha a ler. A busca por palavras para compor este texto enfrenta a constante batalha para não cair no plano das formas e da representação. Ou seja, estou constantemente alerta para não cair na tentação de apresentar formas prontas, que visem a encontrar algum sentido no plano da representação.

Isso, por ser o plano de representação, o plano da analogia e do juízo, em que as questões morais entremeiam os pensamentos. Procuro pensar sem comparar, sem indicativos que afirmem o que está certo ou que está errado. Sem buscar parâmetros que levem em conta uma exterioridade àquilo que está sendo pensado. Sem julgar, a partir de algo exterior ou interior, o que se apresenta como uma singularidade.

O que despertou meu interesse por singularidade foi exatamente um sentimento de exclusão que experienciei em muitos encontros com grupos.

Sempre experimentava algum remorso pelo fato de não conseguir fazer as coisas exatamente como o grupo mandava. Mas em mim ficava a forte sensação de que não teria outro jeito. Isso trouxe muitos desencontros, após alguns encontros com esses grupos. Foi ao começar a ler Deleuze, especialmente, que comecei a me sentir menos só. Os encontros com palavras como “singularidade”, “processos de singularização”, “singular”, foram me apanhando, a princípio, pelas vísceras e ainda pouco pela compreensão. Já com o tempo, com mais entendimento, maior sentido.

Os textos são difíceis. Os termos empregados davam a impressão de necessitar de algum processo de iniciação para serem apreendidos, pois, apesar de serem palavras de uso corrente, tinham um sentido muito próprio, que também escapava às definições meramente formais. Tudo isso, ao mesmo tempo em que me seduzia, me amedrontava. Causava-me o incômodo do novo, de um lugar onde eu não tinha domínio, levando a uma certa vulnerabilidade. Quanto mais conhecia essas idéias, mais descobria o valor dessa vulnerabilidade, desse lugar absolutamente desconhecido.

Descobri, lá pelas tantas, que era um processo, não exatamente uma apropriação,⁴ mas uma transformação. Ao me deformar em antigos conceitos, me movimentava em novas descobertas. Fui fazendo composições e ampliando sentidos, num efeito contínuo. Tanto que isso torna mais delicada a composição deste texto. A cada palavra, a cada frase que escrevo, parece que já há uma expressão possível que me escapa, que está à frente, se fazendo. É o devir-texto.

⁴ Com “apropriação”, nesse caso, quero dizer que não é algo do que me aproprie como um bem imóvel, pois é sempre movente, sempre movimento.

O surpreendente nesse processo é que me tira o conforto, traz inquietação, não tem paradeiro. A princípio, isso me angustiava. Buscava alívio fazendo associações, encontrando correlações ou identificações. Até descobrir que não seriam identificações, mas novos sentidos, novos caminhos que me aguardavam. Que não era repouso, mas sim processo. Constante devir. O devir é um desfazimento de formas, é a destituição das formas. É uma nova forma, que já não é mais a mesma, é outra e, logo, outra. É uma desterritorialização, a perda de um território para passar a outro. É escapar da forma que aprisiona para permitir o intensivo.

Esse é exatamente o processo que me interessa discutir aqui, pois é a ele que estou me referindo nessa composição de autores. Essa composição que me faz pensar e proceder no trabalho terapêutico.

Sou uma acompanhante de processo, processando-me junto.

Sou, como diria Deleuze, uma “sentiente”⁵ junto com outro “sentiente” tentando encontrar caminho para seus processos. “Sentiente” é aquele que sente, que é afetado por algo, e isso pode produzir ou não sentido. “Sentiente” porque é aquele que se encontra em processo de sentir; sensações que se desenrolam, que desembocam noutra e, logo, noutra sensação.

Busco constantemente uma composição com esses autores que me leve a encontros e mais encontros. O valor desses encontros está nas afecções que eles me fazem experimentar, no aumento do meu poder de afetar e ser afetado, na

⁵ Sentiente: palavra usada por Suely Rolnik na tradução do livro Francis Bacon, *A lógica da sensação*, para designar “aquele” que sente as sensações. Citação referente a conteúdo expositivo de aula no curso de Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação da PUC-SP, 2º sem. de 2001.

intensificação da minha potência de pensar e agir e, portanto, nas linhas de singularização que eles me fazem viver. Não pretendo que esses autores me confirmem crenças ou idéias preconcebidas. Ao contrário, sinto que esses encontros proliferam sentidos que se enredam com a própria afirmação da vida. Vida como potência de variação, como movimento, no qual o próprio repouso é apenas uma parte do trajeto, mas enfim, processo o tempo inteiro. Que o intensivo me tome, me interpele.

E que intensivo é esse? O intensivo provocado pelos encontros. É no encontro que me afirmo e que afirmo a vida. Encontro onde afeto e sou afetado. O intensivo é carne viva, incômodo. Algo que me demove do repouso, que vai criar alguém de mim: movimento. O movimento afirma a vida, enquanto a paralisia é a não-vida. Não há qualidade evolutiva para o movimento. O que me compõe agora, pode me decompor amanhã. Mas o que decompõe comigo estará compondo com outros corpos. Assim não há uma evolução a buscar, a perseguir, pois se assim fosse, haveria uma idéia preconcebida do que é certo ou do que é errado. Apenas a afirmação da vida é válida e se dá no encontro. Assim, a afirmação da vida é uma intensidade.

Cabe aqui considerar a relevância de uma prudência no jogo dos encontros. Como viabilizar a intensidade? Como chegar à afirmação intensiva da vida, mantendo a própria dignificação da vida? Não parece ser algo simples e nem há uma fórmula para isso. Ao contrário, cada processo mantém a sua especificidade, a sua disponibilidade e a sua possibilidade para tal. Como diz Orlandi (2002):

*teríamos que considerar o problema de uma arte da prudência astuciosa.*⁶ Essa expressão – prudência astuciosa – é valiosa, pois considera a necessidade de levarmos em conta um cuidado nos encontros, para que a vida se amplie sim, mas para que mantenha sua dignidade. Isso pode ser referido como arte, uma vez que é necessária certa habilidade para não perder a dimensão ética de coexistentes, sejam pessoas entre si e/ou seu ambiente. E pode ser pensado como a arte do encontro que aumente a potência de afetar e ser afetado daqueles que se encontram, levando em conta que o que me dignifica, no encontro com o outro, não pode desrespeitar sua dignidade. *O respeito a si próprio e o respeito mútuo estão implicados na idéia de dignidade.*⁷ (Orlandi, 2002) A intensidade vivida sem a dimensão da prudência corre o risco de extinguir a vida em vez de ampliá-la.

O encontro é dinâmico. Provoca movimento, tira da acomodação. Por isso o encontro sempre propiciará modificações que se desenvolvem ou não em alianças, conflitos, guerras... uma modificação. O encontro é uma mistura de corpos, nos quais as forças estarão se compondo. No encontro, saio do repouso. No encontro, tenho a diferença. Ela, a diferença, incomoda. Ela é o que não sei. Mas exatamente aí é que posso ter acréscimos ou perdas da minha potência de pensar e agir.

No encontro se dá a metamorfose das formas. Pois no encontro entram em ação as linhas de fuga. Entendam-se linhas de fuga como uma máquina que opera na descodificação e na desterritorialização. Como uma máquina de guerra,

⁶ Citação referente a conteúdo expositivo de aula no curso de Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação da PUC-SP, 2º sem. de 2002.

⁷ Vide nota anterior.

rompe com os códigos preestabelecidos, desterritorializa territórios preexistentes. Cria espaços de ventilação para a entrada do novo. Penso em linhas de fuga como água que escorre entre os dedos, por mais apertados que tentemos mantê-los. O fluxo da água é mais potente, segue seu percurso. As linhas de fuga viabilizam os fluxos; propiciam uma fuga do que está instituído. E não se trata de fugir à ação. É, ao contrário, gerar novas possibilidades para ações. A linha de fuga é uma possibilidade para a criação, para ir além. É o contrário da alienação, é o que traz o revolucionário. É a plena possibilidade para o movimento. É o passo ligeiro, o novo passo.

As linhas de fuga constituem a cartografia do desejo. Desejo visto como força. Deleuze e Guattari não vêem o desejo como falta, e a tal concepção fazem uma crítica. Para eles, desejo é produção. O desejo provoca movimento, produz. O desejo é o produtor do real. Ele produz a realidade. O desejo não produz o fantasma da falta. E no real tudo é possível, não há falta no real. A falta é produção fantasmática. Conforme suas palavras: *Ao desejo não lhe falta nada, não lhe falta o seu objeto.* (1972⁸: 31) Para eles, o desejo vem antes do sujeito e não há um sujeito fixo. O objeto e o desejo são ambas máquinas conectadas. Ambos envolvidos no processo de produção.

Para Deleuze e Guattari a falta é inserida, é aderida à produção social. A classe dominante inventa a falta para atender a seus interesses:

⁸ A edição portuguesa dessa obra, reputada como a melhor tradução para a nossa língua, porta um erro de data que perturba o leitor. Dela consta 1966 como o ano de impressão. A data provável é 1996. Por isso, ao citar essa obra, reportar-me-ei sempre ao ano de 1972, quando ocorreu a edição francesa original. Farei, porém, alusão às duas datas nas referências bibliográficas.

É a arte da classe dominante, essa prática do vazio como economia de mercado: organizar a falta na abundância de produção, fazer vacilar todo o desejo pelo grande medo de falhar, fazer depender o objeto de uma produção real que se supõe exterior ao desejo (as exigências da racionalidade), enquanto a produção do desejo passa para o fantasma (só para o fantasma). (1972: 32)

Para esses autores, o desejo percorre o campo social e, nessa medida, a libido não necessita de nenhuma mediação ou sublimação. Há uma relação direta entre a produção social e a libido: *Existe apenas o desejo e o social, nada mais.* (Deleuze e Guattari, 1972: 33) Não é necessário, portanto, criar nenhum representante entre os dois, nenhum fantasma. Acrescentam ainda que inclusive as forças repressivas e mortíferas advêm do desejo. Acreditam que o problema fundamental da filosofia política foi levantado por Espinosa e posteriormente por Reich, quando interroga: *Por que é que os homens combatem pela sua servidão como se tratasse da sua salvação?* (Apud Deleuze e Guattari, 1972: 33)

Eles formulam a questão sobre como será possível que o homem lute por sua escravidão; que o homem não só queira a escravidão e servidão de outros homens, como lute também pela própria. Como pode o homem desejar isso?

Deleuze e Guattari creditam a Reich a fundação da psiquiatria materialista. Apontam, entretanto, que ele não sustentou sua descoberta, pois faltava a ele o conceito de produção desejante. Desse modo, Reich perdeu a oportunidade de encontrar o ponto comum, de juntar desejo e produção social, pois não viu o conceito de desejo e produção social como co-extensivos.

Máquina desejante não é uma concepção fantasmática. Ela é desejo enquanto produção. É o desejo que produz o real; é a produção de desejo como

produção social e não como produção particular. Não é o desejo como algo mental ou psíquico reservado a um indivíduo, mas trata-se da produção social que se dá no encontro. Ainda segundo Deleuze e Guattari:

Foi Reich o primeiro a formular o problema da relação do desejo com o campo social. É Reich o verdadeiro fundador de uma psiquiatria materialista. Foi ele o primeiro que, pondo o problema em termos de desejo, recusou as explicações de um marxismo sumário com pressa demais em dizer que as massas foram enganadas, mistificadas. Mas, porque o conceito de uma produção desejante ainda não estava suficientemente amadurecido, não chegou a determinar a inserção do desejo na própria infra-estrutura econômica, nem a inserção das pulsões na produção social. (...) Apesar de tudo Reich foi capaz de levar à psicanálise, e em nome do desejo, um cântico à vida. (1972: 124)

Considero oportuno, neste momento, pensar num paralelo entre os autores. Creio que é o momento que me sinto mais potente para empreender o desafio de conectar esses pensamentos (o que farei no próximo capítulo). É o meu encontro com esses autores.

O encontro só é possível quando há movimento. Quando o território é movente ou como um pântano, um solo movediço. Não há maneira de escapar que não seja o simples movimento. O pântano, então, pode deixar de ser assustador, para ser mobilizador, no sentido do movimento que permite a vida. A paralisia é a garantia da morte.

Durante muito tempo eu tive sonhos com pântanos. Quando pequena, vivia no campo e os pântanos eram terrenos chamados de banhados. Ou seja, eram partes de terreno alagadiço, onde o pé afundava se você permanecesse parado por algum tempo. Era necessário pisar rapidamente para não afundar. Esses

sonhos eram pesadelos, pois o esforço em não afundar era sempre muito grande e, muitas vezes, estive perto da morte. As figuras habitantes do pântano eram aterrorizantes, nada amistosas e nunca me tiravam do lodo.

Em certa ocasião, tive um sonho com o mesmo pântano e algo como um navio passava ao lado. Foi como se uma luz me mostrasse que poderia mover-me. Então comecei a me movimentar rapidamente, isso não dava tempo para que meus pés afundassem. As figuras atemorizantes, agora, não passavam de figuras hilárias. Eu não precisava e não contava com a ajuda de nada nem ninguém que não fossem minhas próprias pernas e a determinação em me movimentar. Sabia que tinha que me manter alerta e em movimento. E aquelas figuras me divertiam muito, eram mesmo bizarras.

Não sei se esse sonho é um sonho de devir, talvez todos os sonhos o sejam, mas não sonhei mais com os pântanos assustadores. Lembro ter ocorrido numa época de muita mobilização com a leitura de Deleuze, Guattari e Espinosa. Há que se correr o risco. Estar em atenção e mover-se sempre. Não importa a direção, se evolutivo ou involutivo. Mover-se é garantir a vida, é afirmar a vida. O pântano pode ser um território movente, ou não. Mas se eu quiser fazer dele uma terra firme... nesse caso, acabarei sucumbindo.

Nem só os pântanos são territórios interessantes. Pontos como a casa, o local e o território podem ser também interessantes, mas eles têm de ser aproveitados, não só pela posse, mas, principalmente, pelo uso. Têm de ser usados para a ação, para a expressão da minha potência. Somente o nômade o ocupa verdadeiramente, pois vive intensamente o que o território proporciona. O

nômade pode aproveitar esses pontos, pois ele afirma a vida, afirma o encontro, afirma o movimento.

Há que se viver como um nômade: buscar desertos, pântanos, superfícies lisas, locais para fazer uso da plena potência. Potência para ações alegres.

A finalidade do espaço sedentário é reproduzir. A busca de segurança cria a necessidade de reprodução: forma hábitos. Sempre o mesmo acontecimento, pouco fluxo: está aí uma tentativa de controle. É o controle dos fluxos, a organização dos fluxos, o que significa, sem dúvida, sua interrupção. Entretanto, não há fluxo controlável. É uma ilusão a busca de controle. Sempre haverá linhas de fuga que afirmarão a vida, a não-paralisia. Sempre haverá linhas de fuga que proporcionarão a desterritorialização.

O sedentário é o espaço do hábito. Hábito é um conceito bastante trabalhado por Deleuze: *O Hábito é a síntese originária do tempo que constitui a vida do presente que passa; a Memória é a síntese fundamental do tempo que constitui o ser do passado (o que faz passar o presente).* (1988: 142)

Costuma-se dizer que se contrai um hábito e um hábito realmente é contraído. Ou seja, é algo do passado contraído no presente. A contração implica numa fusão, isto é, uma fusão no espírito de quem contempla essa contração. Para que se contraia um hábito é necessário que haja um espírito capaz de contemplação, o que designa uma síntese passiva, isto é, cria a expectativa de que as coisas tenham uma continuidade, assegurando uma permanência. De acordo com Deleuze: *Quando dizemos que o hábito é contração, não falamos, pois, da ação instantânea que se compõe com outra para formar um elemento de repetição, mas da fusão dessa repetição no espírito que contempla.* (1988: 133)

É o espírito contemplativo que necessita da fusão de repetição. Necessita contemplar para se posicionar quanto ao ritmo que poderá impor à ação. Necessita contemplar para se apropriar de suas reservas e, assim, impor o ritmo possível. Precisa levar em conta o seu presente, o que dispõe que lhe permita a ação. Contemplar significa encontrar suas possibilidades na dimensão do presente, considerando o que dispõe e para onde pode ir, quais territórios pode vir a habitar. Para Deleuze há uma alma que contempla:

É preciso atribuir uma alma ao coração, aos músculos, aos nervos, às células, mas uma alma contemplativa cujo papel é contrair o hábito. Não há nisso qualquer hipótese bárbara ou mística: o hábito aí manifesta, ao contrário, sua plena generalidade, que não só concerne aos hábitos sensório-motores que temos (psicologicamente), mas, em primeiro lugar, aos hábitos primários que somos, às milhares de sínteses passivas que nos compõe organicamente. (1988: 133)

Essa afirmação produz muito sentido nas considerações que farei no próximo capítulo, no qual buscarei compor as afetações que me causaram os conceitos reichianos de caráter e o de processos de singularização em Deleuze e Guattari.

Nossos hábitos se instalam inicialmente no funcionamento orgânico, naquilo que a medicina chama de equilíbrio homeostático, isto é, no que vem a ser a manutenção e desenvolvimento de todas as sínteses metabólicas que garantem a vida. São processos autônomos, ou seja, fazem parte de mecanismos que se processam automaticamente em nosso organismo. E isso faz sentido para o funcionamento e manutenção da vida, mas também nossos hábitos se dirigem a

ações que poderiam ser voluntárias, como contrações ou relaxamentos de músculos, diante de situações que possam parecer de ameaça ou de prazer.

Temos o nosso corpo, os nossos hábitos, nossa vida em constante devir e somos perpassados pelos processos de singularização. Nessas desterritorializações e reterritorializações constituímos o nosso devir. São processos porque estão em andamento, porque continuam em fluxo durante a vida.

De desterritorializações e territorializações vamos constituindo nossos processos de singularização.

O que vai caracterizar um processo de singularização, é que ele seja automodelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. (Guattari e Rolnik, 1986: 46)

Há uma condição que é própria de cada processo, que não vem pronto, nem é dado por ninguém, mas se constitui em si mesmo. O processo é auto-implicado com a singularização com que se faz; implica-se com a diferença e com as diferenciações que produz no real.

O conceito *processos de singularização* perpassa ou atravessa toda a obra de Deleuze e Guattari. No meu entendimento, o processo de singularização se dá no encontro. Nessa medida, diz respeito ao relacional e compreende todo o conjunto de elementos envolvidos na atmosfera do encontro. Pode-se considerar que esse conjunto já seja uma singularidade. O individual, então, seria apenas

uma parte constitutiva do encontro. A essa singularidade se dá o nome de acontecimento. Não existe nada previsível para o acontecimento, não há fórmulas nem receitas. O acontecimento é algo que acontece entre os corpos. É uma modificação que ocorre no encontro entre corpos, mas não é um corpo: é o “entre”. Ele leva à produção de diferença.

No processo de singularização há sempre um mínimo de diferenciação. Há um contorno dado por linhas de composição que perpassam todos os componentes envolvidos nesse encontro singular. Em sua obra *A lógica da sensação*, Deleuze fala de uma pequena alma, que é a resultante desse encontro singular. Essa pequena alma seria o espírito vivo desse encontro, aquele que vai produzir o real.

*a consciência é incômoda
impalpável invisível porém incômoda
usa a censura e as bofetadas
as penitências e o sossego
as recompensas e os paradoxos
os gestos luminosos e libertários
porém a consciência mais consciência
é a que nos aperta o coração
e vagueia por nossas veias*
Consciência
Mario Benedetti

4. FLUXO

*E, mesmo se na terra há também brejos e espessa angústia,
quem tem pé leve passa também por cima da lama
dançando como em gelo limpo.
F. W. Nietzsche
Assim falou Zarathustra*

Penso que somos apenas aquilo que vivemos. Partindo dessa premissa, vou buscar em minha vivência algo que remeta ao fluxo. Em minha experiência infantil lembro de algo recorrente, referente ao fluir ou não fluir. Nas noites dos meus sete ou oito anos, principalmente nas noites de verão, recordo dos meus medos. Minha família não dava atenção, ao contrário, costumava rir e colocar-me em situações de enfrentamentos do escuro, somente para observar-me aterrorizada. Pior ainda era quando eu despertava durante a noite. Não havia nenhuma iluminação. Imediatamente começava a imaginar quantos dragões e monstros viriam buscar-me. Os verões no sul sempre foram muito quentes. Dormíamos com as janelas fechadas para evitar os insetos. Compartilhava o quarto com minha irmã menor. Não usávamos nada para nos cobrir; apenas um lençol ficava ao pé da cama. Essa era a minha proteção para as noites de terror. Assim que despertava, buscava o lençol para cobrir-me até a cabeça. E ali ficava quietinha, suando, quase sem respirar, completamente paralisada, esperando a chegada dos monstros e dragões. Era muito sofrimento, físico e psíquico, pois o calor era insuportável e o medo mais ainda. Eram infundáveis esses momentos.

Acabava sempre adormecendo de puro cansaço. Quando a noite chegava, vinha junto com ela a ameaça desses medos e, por muito tempo, as coisas se passaram exatamente dessa maneira. Algumas vezes pela manhã, tinha uma sensação de cansaço, de haver dormido pouco, o que efetivamente ocorria, pois as horas em que ficara desperta tinham sido extenuantes.

Em algum momento, sem saber explicar exatamente por que, essa situação se transformou. Ocorreu tudo da mesma maneira: despertei, puxei o lençol até a cabeça e comecei a suar. Mas, repentinamente, ocorreu-me a possibilidade de enfrentar o escuro. Então descobri a cabeça, sentei na cama e abri bem os olhos para ver se enxergava os dragões. No princípio estava tudo muito escuro, mas aos poucos consegui distinguir a silhueta de alguns móveis e objetos no quarto. Minha boneca, que parecia, inicialmente, com a cabeça de um dragão, começou a se mostrar apenas como minha querida boneca. Ela estava ali todos os dias, só saía quando eu a levava para brincar e sempre voltava para o lugar, pois tinha de deixar o quarto arrumado. Assim fui identificando, ainda que apenas pelo perfil, todos os objetos do quarto. Isso foi me acalmando e fui parando de suar. Mantinha os olhos bem abertos, mas não sei por quanto tempo, pois só me dei conta pela manhã, quando despertei, do que havia se passado naquela noite. Eu tinha enfrentado o meu medo, tinha me movimentado. Tinha entrado em fluxo.

Continuei a ter medo durante a noite, despertei muitas vezes mais, mas já o enfrentava. Algumas vezes era mais fácil, noutras levava um pouco mais de tempo. Mas não mais me paralisava debaixo do lençol. Abria bem os olhos, sentava-me na cama, respirava amplamente e voltava a dormir. Nunca encontrei

nenhum dragão. Creio mesmo que ele habitava o meu corpo nas noites de paralisia, impregnado em minha couraça, quando quase parava de respirar.

Como respiramos mal. Quase não respiramos. Frequentemente diminuimos nossa capacidade respiratória sem percebermos, por paralisia frente ao medo. Creio que o melhor exemplo de fluxo está na respiração. De todas as funções metabólicas é a mais imediata. Podemos ficar sem comer ou beber por dias, mas não podemos ficar sem respirar além de poucos minutos, no entanto, passamos a maior parte de nossas vidas respirando muito mal. Por que extraímos de nossa vida menos vida? Por que respiramos tão pouco? O ar é o combustível da vida. Tanto é assim que quando estamos numa atividade física intensa, naturalmente respiramos mais amplamente.

Penso que manter uma boa qualidade de respiração é manter-nos mais vivos. Mantemos o fluxo vital. Mas a vida não é manutenção. A vida é viver. Então, como viver em fluxo, sem que para isso seja necessário estar me policiando? Vivendo o mais intensamente possível?

Será possível viver a intensidade constantemente? Creio que não. Creio que temos momentos intensos, ou como diz Orlandi: “modulações intensivas”. Temos momentos em que acessamos o intensivo. É valioso se permitir o encontro com o intensivo, ser tocado por ele. O intensivo provoca o novo, uma nova possibilidade. Mas é fundamental levar em conta a prudência. Para tal não há um como fazer. Cada encontro e cada instante são únicos. Ser prudente é levar em conta o intensivo e também a dignificação da vida.

Um dos maiores motivos de captura reside na necessidade de sermos aceitos. Desde pequenos, somos educados com prêmio e castigo. Então, ficamos

desesperadamente tentando descobrir qual é o código que nos fará aceitos. Por onde ir para recebermos o prêmio? Qual atitude tomar? Qual discurso fazer? Como ser “bem-sucedido”? Como estar incluído? Como fugir à exclusão?

Ficamos tentando ter desejos bem comportados, bem aceitos socialmente, esperando a aprovação de fora, de alguém, ou de dentro, alguma concepção prévia do que é conveniente desejar. Só que o desejo não conhece governo. O desejo não atende a esse ou àquele, é simplesmente força. O desejo é algo que irradia e sai em busca do que o intensivo mobiliza. O intensivo não deixa o desejo se acomodar. Vai sempre tirá-lo para dançar. O intensivo viabiliza o fluxo.

Podemos observá-lo no corpo de várias maneiras. Sempre que nos entregamos a alguma atividade intensamente, seja, por exemplo, uma tarefa, uma luta marcial, uma dança, uma ginástica, seja fazer amor, naturalmente nossa respiração se amplia, nossa pulsação aumenta e o fluxo vital se intensifica.

Reich voltou seus estudos para o homem que sofre. Ele se preocupou em descrever como percebia o sofrimento humano. Ele estava envolvido, portanto, com o homem neurótico. Procurou, incansavelmente, uma saída para os males do homem e identificou na cultura uma das fontes de deformação do homem, à qual ele deu o nome de caráter neurótico. A essa estrutura de caráter chamou de prisão. Em suas palavras:

Escapar de uma armadilha é possível. Mas para alguém sair de uma prisão, primeiro precisa reconhecer que está numa prisão. A armadilha é a estrutura emocional do homem, sua estrutura de caráter. Pouco adianta elaborar sistemas de pensamento sobre a natureza da armadilha, quando a única coisa para sair da armadilha é conhecê-la e encontrar a saída. (Reich, 1982: 4-5)

As possibilidades de saída se encontram na vida. Essas possibilidades nos interessam mais do que pensar sobre a natureza das armadilhas. Creio que se pode pensar nessas saídas como o que Deleuze chama de linhas de fuga, mas é sempre difícil entregar-se ao fluxo. Vejo o trabalho em psicoterapia como uma dessas possibilidades. Certamente é necessário mais do que apontar a paralisia. É necessário que o intensivo toque o nosso paciente; que ele, ao percebê-lo, não se feche como uma tartaruga que se recolhe dentro do casco, sempre que algo novo se lhe apresenta.

Foi exatamente ao detectar o quanto era difícil ultrapassar a resistência ao tratamento de seus pacientes que Reich passou a desenvolver seus estudos da análise do caráter. É nesse ponto que percebo um possível encontro entre os autores referidos neste estudo. Deleuze e Guattari alertaram-me para a possibilidade de sustentação do intensivo.

A minha função como terapeuta se constitui atravessada por fatores tais como: de um lado, o pedido do paciente por um tratamento, junto com suas resistências ao próprio tratamento (caráter); de outro lado, as minhas próprias resistências (meu caráter), junto à minha disponibilidade para atendê-lo. Tudo isso atravessado ainda pelo intensivo que possa ser sustentado no nosso encontro.

Se pensarmos na máquina social, é possível identificar o quanto essa estrutura se expande desde a menor partícula até o todo do funcionamento da máquina. A couraça está presente na máquina social. A couraça não é privilégio do indivíduo, mas está presente em toda a macro-estrutura. A organização se expande e procura se impor a todo o funcionamento. É necessário buscar linhas de fuga para se soltar da prisão.

Reich acredita que a saída é visível, difícil é tomar a decisão de sair da prisão. Em suas próprias palavras:

A saída é claramente visível para todos os que estão presos na armadilha. Mas ninguém parece vê-la. Todos sabem onde está a saída. Mas ninguém se move em direção a ela, pior ainda, quem quer que faça qualquer movimento em direção a saída, quem quer que indique, é declarado louco, criminoso, pecador digno de queimar no inferno.
(1982: 4-5)

Parece que a radicalidade de Reich provém de um momento de profundo desencantamento com a sociedade. Mesmo assim, é um discurso de quem não desiste de procurar a saída. Reich não é alguém que não acredite mais na possibilidade da vida. Ao contrário, parece que está lutando pela vida, quando faz essa denúncia. Pronuncia-se indignado com a imobilidade, mas vê a possibilidade de recuperar a potência e ainda faz a defesa de quem busca a saída. A defesa dos “loucos” que ousam seguir seus fluxos.

Essa posição de Reich lembra-me um dos mais belos tangos de Astor Piazzolla, cuja letra é de Horácio Ferrer, *Balada para un loco*⁹:

*Las tardecitas de Buenos Aires tienen ese qué sé yo,
¿viste?
Salís de tu casa, por Arenales.
Lo de siempre: en la calle y en mi...
Cuando, de repente,*

⁹ Essa canção tem duas versões em espanhol, uma para ser cantada por mulheres e outra, por homens; optei por incluir aqui a versão feminina por ser a mais conhecida e mais gravada. Ficou imortalizada na voz de Amelita Baltar, mulher de Piazzolla na época. A versão apresentada aqui foi extraída de <http://todotango.com.ar/spanish/main.html>.

*de atrás de ese árbol,
se aparece el.
Mezcla rara de penúltimo linyera
y de primer polizonte en el viaje a Venus:
medio melón en la cabeza,
las rayas de la camisa pintadas en la piel,
dos medias suelas clavadas en los pies,
y una banderita de taxi libre levantada en cada mano.
¡ja! ja!
Parece que sólo yo lo veo.
Porque el pasa entre la gente,
y los maniquíes me guiñan;
los semáforos le dan tres luces celestes,
y las naranjas del frutero de la esquina le tiran azahares.
Y así, medio bailando y medio volando,
se saca el melón, me saluda, me regala una banderita,
y me disse...*

(Canto)

*Ya sé que estoy piantao, piantao, piantao.
No ves que va la luna rodando por Callao;
que un corso de astronautas y niños, con un vals,
me baila alrededor...
¡Bailá! ¡Vení! ¡Volá!*

*Ya sé que estoy piantao, piantao, piantao.
Yo miro a Buenos Aires del nido de un gorrión;
y a vos te vi tan triste...
¡Vení! ¡Volá! ¡Sentí!...
el loco berretín que tengo para vos:*

¡Loco! ¡Loco! ¡Loco!
Cuando anochezca en tu porteña soledad,
por la ribera de tu sábana vendré
con un poema y un trombón
a desvelarte el corazón.

¡Loco! ¡Loco! ¡Loco!
Como un acróbata demente saltaré,
sobre el abismo de tu escote hasta sentir
que enloquecí tu corazón de libertad....
¡Ya vas a ver!

(Recitado)

Y, así diciendo, El loco me convida
A andar en su ilusión super-sport,
y vamos a correr por las cornisas
¡con una golondrina en el motor!

De Vieytes nos aplauden:
"¡Viva! ¡Viva!",
los locos que inventaron el Amor;
y un ángel y un soldado y una niña
nos dan un valsecito bailador.

Nos sale a saludar la gente linda...
Y El loco, loco mío, ¡qué sé yo!:
provoca campanarios con su risa,
y al fin, me mira, y canta a media voz:

(Canto)

*Quereme así, piantao, piantao, piantao.
Trepate a esta ternura de locos que hay en mí,
ponete esta peluca de alondras, ¡y volá!
¡Volá conmigo ya!
¡Vení, volá, vení!*

*Quereme así, piantao, piantao, piantao.
Abrite los amores que vamos a intentar
la mágica locura total de revivir.
¡Vení, volá, vení!
¡Trai-lai-la-larará!*

(Gritado)

*¡Viva! ¡Viva! ¡Viva!
Loco él y loca yo.
¡Locos! ¡Locos! ¡Locos!
¡Loco él y loca yo!*

A seguir, apresento uma tradução livre da *Balada para um Louco*:

*As tardezinhas de Buenos Aires têm esse... sei lá o quê...
Viste?
Sais de tua casa por Arenales.
O de sempre: na rua e em mim.
Quando, de repente
de trás de uma árvore,
aparece ele.*

*Mescla rara de penúltimo vagabundo
e de primeiro clandestino em viagem a Vênus:
meio melão na cabeça,
as riscas da camisa pintadas na pele,
duas meias solas fincadas nos pés,
e uma bandeirinha de táxi livre, levantada em cada mão.*

Ah, ah!

*Parece que só eu o vejo:
porque ele passa entre as pessoas
os manequins lhe piscam;
os semáforos lhe dão três luzes celestes
e as laranjas do fruteiro da esquina lhe lançam suas flores.
E assim, meio dançando e meio voando,
tira o melão, me saúda, me dá uma bandeirinha,
e me diz:*

(Canto)

*Já sei que estou maluco, maluco, maluco.
Não vês que vai a lua rodando por Callao;
que um bando de astronautas e meninos, com uma valsa
dançam ao meu redor.
Dança! Vem! Voa!*

*Já sei que estou maluco, maluco, maluco.
Eu vejo Buenos Aires do ninho de um pardal;
e a ti, te vi tão triste.
Vens! Voa! Sente!
A louca ilusão que tenho para ti:*

*Louco, louco, louco,
Tão logo anoiteça em tua portenha solidão,
pela beirada de teu lençol eu virei,
com um poema e um trombone,
a desvelar-te o coração.*

*Louco, louco, louco,
Como um acrobata demente saltarei,
sobre o abismo do seu decote, até sentir
que enlouqueci teu coração de liberdade.
Já vais ver!*

(Recitado)

*E, assim dizendo, o louco me convida
Para andar em sua ilusão super-esporte,
e vamos correr pelas cornijas
com uma andorinha no motor!*

*De Vieytes¹⁰ nos aplaudem:
“Viva! Viva!”
os loucos que inventaram o Amor;
e um anjo e um soldado e uma menina
nos dão uma valsinha dançadora.*

*Sai a nos saudar a gente linda.
e o louco, meu louco, sei lá!
provoca campanários com seu riso*

¹⁰ Vieytes: nome de um manicômio de Buenos Aires.

e por fim, me olha, e canta à meia voz:

(Cantado)

*Quere-me assim maluco, maluco, maluco,
Agarra-te a esta ternura de loucos que há em mim,
põe esta peruca de calhandra, e voa!
Voa comigo já!
Vem, voa, vem!*

*Quere-me assim maluco, maluco, maluco,
Abre-te aos amores que vamos tentar,
a mágica loucura total de reviver.
Vem, voa, vem!
Trai-lai-la-larará!*

(Gritado)

*Viva! Viva! Viva!
Louco ele e louca eu
Loucos! Loucos! Loucos!
Louco ele e louca eu!*

É poesia. É música. É arte. É acima de tudo um convite à experimentação. É um convite à ousadia de abrir as portas da prisão do desejo e experimentá-lo. É um andar clandestino, habitando as bordas, as fronteiras entre o instituído e o marginal. Um convite a experimentar o diferente, o não-estabelecido. Essa canção foi composta em 1969 e sua primeira gravação é de 1970, por isso mesmo se

apresenta como algo irreverente: traz o novo. Sua poesia sugere que a partir do que sempre esteve ali, os mesmo lugares, as mesmas pessoas, se possa viver o inusitado.

Na obra *O anti-édipo*, de Deleuze e Guattari, encontramos a seguinte afirmação:

Dirão talvez que o esquizo também não é muito alegre? Mas não será triste precisamente por já não conseguir suportar as forças da edipianização, da hamletização, que o entalam e não o deixam sair? Mais vale fugir para o corpo sem órgãos, encerrar-se nele, fechar-se sobre si mesmo. A alegria é a esquizofrenização como processo, não o esquizo como entidade clínica. (1972: 118)

A defesa do processo de enlouquecer na alegria é propriamente dar permissão para abrir as portas da prisão, as portas que aprisionam o desejo, seu reconhecimento e sua expressão.

Não estou falando de um mundo idealizado onde basta querer para se obter. Não estou pensando em possibilidades infinitas. Mas estou pensando, sim, na possibilidade de encontrar linhas de fuga para não sufocar o que for da ordem do desejo, ou pior, para que o desejo não se torne desejo de reprimir o próprio desejo.

É exatamente esse o ponto que Reich desenvolveu como caráter neurótico. O homem foi criando uma estrutura de enquadramento, por acreditar que isso garantiria sua sobrevivência. Seja por experiências positivas ou negativas, o que veio a ser determinante de tal estrutura é sempre relacional. Na experiência com gratificações, frustrações, dores, etc., o desejo vai sendo substituído pelo desejo

de ser aceito. A vida vai sendo trocada pela necessidade de não correr riscos de dor, de isolamento, de não-aceitação – couraça.

Reich tinha noção de que o estabelecido não era suficiente, mas ainda ficou com o desejo no plano do indivíduo, não estendeu seu conceito ao campo do social, ou melhor, não ampliou seu poder ao social.

Fez a denúncia, mas não encontrou a saída. Foi expulso de todas as instituições das quais fez parte, mas talvez não se tenha dado conta de que era exatamente esse instituído o interessado na repressão do desejo.

Como é freqüente com os revolucionários, não foi compreendido ou não se fez compreender. Talvez vítima, ele mesmo, de suas culpas. Reich morreu, contudo, acreditando na possibilidade humana de ser feliz, de viver a vida por inteiro.

Por acreditar no valor da vida e na sua mais autêntica expressão, Reich foi à busca de encontrar a cura ou a saída para que o homem vivesse de maneira mais sã. Tudo o que ele propôs em seu caráter genital, era um homem que pudesse viver seus fluxos. Ele necessitou criar um modelo, com os argumentos de que dispunha na época para encontrar uma saída.

Deleuze e Guattari perceberam o esforço de Reich nessa busca de afirmação da vida, na busca de levar ao seu paciente, o homem neurótico, uma possibilidade de viver saudavelmente, mesmo que isso lhe tenha custado a incompreensão das instituições, desde as científicas até as governamentais. Ainda de acordo com esses autores: *Ninguém lhe perdoou, enquanto Freud obteve o grande perdão. Foi ele que tentou fazer funcionar conjuntamente a máquina analítica e a máquina revolucionária.* (1972: 124)

Sempre houve uma radicalidade na proposta de tratamento de Reich, seja em análise do caráter (teoria) ou vegetoterapia (prática clínica). Quando ele percebia a falta de resultado, prosseguia em busca de algo mais. Talvez lhe tenha faltado a percepção de que isso não seria alcançado tão rapidamente e nem por tanta gente, mas seguramente deixou um legado para ser compreendido.

Foi meu devir-Reich que permitiu o encontro com meu devir-Deleuze-e-Guattari. Foi o meu devir-dançarina que me levou a dançar essa valsinha com tão bons dançarinos e me levou, ainda, ao meu devir-psicoterapeuta e a seguir dançando com meus pacientes.

Como encontrar a possibilidade de manter um fluxo com ritmo? O universo pulsa com seu ritmo. Um ritmo diastólico e sistólico, pulsação pela vida. Então, como encontrar um ritmo próprio que possibilite a dignificação da vida. Um ritmo singular que viabilize fluir na vida? Não falo de um ritmo obsessivo, nem de um ritmo viciado, apenas reprodutor como um autômato; tampouco de um ritmo acomodado, de quem apenas se encolhe para sobreviver.

É necessário sobreviver a possíveis ataques ou dores. É comum estar preso a essa fixação idealizada de que a vida se apresenta necessariamente desse ou daquele modo, sem vislumbrar que todas as possibilidades estão acontecendo a cada momento, trazendo o novo; e então, simplesmente, reproduzir mecanismos de defesa. Não é desse ritmo doente que estou falando. Falo de um ritmo de respiração a peito aberto. Um ritmo pulsante, presente no que está sendo vivido. Um ritmo atravessado por intensidades que podem produzir novas direções.

Não falo de um ritmo de coreografia, na qual os passos já tenham sido decorados. Frequentemente nesse tipo de dança se perde o ritmo, não se escuta a música. Reproduzem-se movimentos previamente determinados, sem acompanhar a música. Os passos ensaiados prevêm uma seqüência que muitas vezes não é a pedida espontaneamente pelo corpo.

Nos tantos anos que danço com um par, descobri algumas coisas. Primeiramente, que não podia entender o dançar, o movimento a partir da cabeça. Tinha que experimentá-lo, fazer o passo, para incorporá-lo. Depois, descobri ainda que há uma parte do seu corpo que inicia a dança, não necessariamente a mesma; por exemplo, no tango, o começo, o comando se dá a partir do peito. Por isso a importância do contato com o peito do parceiro para entender o que é pedido. É um corpo que sente, que provoca o movimento. É o corpo das sensações que desenvolve o movimento, conforme seja afetado pela música, pelo parceiro, pelo ambiente. Tudo é atravessamento e novas possibilidades naquele encontro de tão poucos minutos. O tempo que dura uma canção, ou uma série delas, que no tango se chama de “tanda” e equivale, em geral, a cinco tangos. Todo esse entrelaçamento de forças dá um ritmo, um ritmo de baile, não planejado anteriormente. Não é um baile para exposição, é um baile para ser vivido.

O ritmo que estou pensando é um ritmo de baile livre. Um ritmo em que o novo virá a cada momento e não tenho de adivinhar o próximo passo. Ele se faz de acordo com a composição com o meu parceiro. Seja esse parceiro quem for: um bailarino, um amor, um desafeto, um livro, uma obra de arte, alguma atividade de trabalho, etc, enfim alguém ou algo com quem eu possa dançar. Com quem

meu movimento seja espontâneo, sem coreografia prevista ou ensaiada. É claro que eu posso conhecer os passos, mas eu não preciso tê-los planejados. Simplesmente posso permitir que os passos me venham e que eu possa dançar. Venho com o que tenho e me deixo permear pelo que pode me atravessar naquele momento, fazendo o próximo momento e, assim, sucessivamente.

Esse ritmo não implica na repetição de uma mesmice. A música pode ser a mesma, o local também, mas os parceiros nunca serão os mesmos. Pela simples razão de que não somos o mesmo no próximo momento. Estamos em constante devir, por mais que nos enganemos na tentativa de reproduzir o conhecido, talvez levados pela angústia frente ao novo ou, quiçá, pela falsa segurança do conhecido. Somos sempre um novo frente a esse parceiro que nos compõe e também se compõe num novo.

É necessário encontrar o novo para compor com o meu paciente. Na minha escuta de sua tão conhecida história haverá sempre algo novo. É para esse novo que tenho de estar atenta. Ele pode estar na entonação com que diz as mesmas palavras, com que conta a mesma história. Pode estar em algum olhar que o leve além, em determinado momento da história. Pode ainda estar no assunto anterior que o fez associar com a mesma história. A queixa poderá ser a mesma – tal qual a música ou o salão – mas qual é o bailarino que chega hoje para bailar? É esse sempre novo que tem de ser encontrado por mim, com o meu sempre novo também, já que, por ser afetada por tantas coisas, não sou a mesma da semana passada. É importante manter um “olhar de primeira vez”. Não um olhar de quem já olhou num outro momento e não consegue perceber o novo que se faz a cada instante.

Quantas vezes há algo tão óbvio na história de nosso paciente, que já havia sido contado tantas vezes, e que só vem a fazer sentido num dado momento? E, muitas vezes, não fará sentido para ele (paciente), apenas para o terapeuta.

O risco maior é de que eu me adapte àquela queixa como quem olha para o mesmo quadro todos os dias como se ele nem estivesse ali. É necessário ser tocada pelo quadro para que ele esteja ali como obra de arte, ou não; pode meramente ser um objeto a mais na decoração, que eu talvez nem perceba que estive ali por tanto tempo. Cada novo momento traz uma nova queixa, ainda que pareça a mesma, ainda que vista a mesma roupa. A atenção nesse sentido é que vai possibilitar que não se perca o ritmo. Que o processo terapêutico não se torne uma repetição, uma mesmice em que cada uma das partes se encontra conformada com o pouco que consegue retirar da relação, ou seja, se acomoda numa dor, ou num aparente conforto propiciado pelo já conhecido. É preciso mais do que palavras para se manter desperto. É preciso estar por inteiro naquele momento. É necessário estar atento quando o paciente está adormecido. Denunciar a paralisia dele. Mostrar que pode estar vivendo pouco e o quanto mais poderá experimentar, se despertar, se sair dessa dormência.

Quando Reich fala do caráter neurótico, está mencionando essa forma de atuação em que passamos adormecidos pela vida; em que nos deixamos afetar menos em nossos encontros. Nessa postura, estamos diminuídos em nossa potência de afetar e de ser afetado; ficamos dando manutenção ao que são as nossas obrigações, sejam elas quais forem; Esquecemo-nos de dar atenção ao que pede o nosso corpo, ao que pede a nossa alma, ao que pede o nosso desejo.

Aprisionados pela couraça, acabamos por não compreender os sinais, passamos a não nos permitir sensações ou a ignorá-las. Como recuperar a nossa potência e estarmos inteiros em nossas sensações? Como nos deixar atravessar por nossas sensações? Só há uma resposta: é necessário ficar desperto.

É certo que a dignificação da vida se alcança levando em conta a prudência. O intensivo do qual falo e no qual insisto é possível em alguns lampejos, em alguns momentos. Não seria possível sustentar o intensivo indefinidamente sem uma desintegração. Não defendo o extremo da intensidade, mas apenas lampejos de intensivo que levem à dignificação da vida.

É essencial que o processo na clínica encontre suas possibilidades de singularização. Que, nesse espaço, possa ser alimentada uma pequena alma, produzida no encontro em cada novo momento da clínica. Que o que trazemos a cada nova sessão permita um novo baile e encontre possibilidades de movimento, fluxo e ritmo.

5. ENCONTRO

*Somos, ao viver, transmissores de vida.
Quando deixamos de transmitir vida,
ela a vida também deixa de fluir em nós.
D. H. Lawrence
Somos transmissores*

A clínica compreende um encontro de difícil reprodução. Para começar, seu conteúdo compreende a regra do sigilo, ou seja, ao se fazer um contrato com um novo paciente, se estabelece o acordo de que tudo o que acontecer dentro do espaço terapêutico será guardado entre paciente e terapeuta apenas. Para descrever aqui um caso clínico, ocorreu um novo acordo entre os dois, paciente e terapeuta. Ou seja, alguns dados seriam alterados de maneira a não identificar a pessoa do paciente, que leu esse relato e autorizou sua publicação.

A intrusão da regra do sigilo faz muito sentido no estabelecimento da confiança, por isso, o valor desse cuidado. Uma vez que o paciente se sinta confiante, poderá acessar conteúdos que antes não conseguia compartilhar.

Escrever a clínica, um espaço absolutamente privado, me traz uma certa resistência, pois considero difícil reproduzir algo tão próprio, que acontece num momento tão único. Nada do que consiga escrever me parece à altura da grandeza daqueles momentos.

Por tudo que mencionei até aqui, relatarei, mais do que fatos, minhas impressões sobre um processo terapêutico. Processo esse que, a meu ver, é

próximo das idéias que desenvolvi nos capítulos anteriores. Processo no qual, creio, se deu um verdadeiro encontro: encontro entre pessoas, encontro consigo mesmo, encontro com a própria potência.

Será um relato do que foi possível apreender do muito que se passa nesse encontro. Fazendo coro com Orlandi (2002): *não há pureza entre o sujeito da análise e o paciente*¹¹, ou seja, não se separa o paciente daquilo que ele sente e do que pensa na análise. O meio ambiente vem com toda a sua força e o espaço da análise é um espaço de reflexão, mas, ao mesmo tempo, é um espaço de acontecimento. Porque enquanto há reflexão, há um processo. Há dois corpos atravessados por muitos outros corpos, presentes ou não, nesse meio que é poderoso em seus cruzamentos. O importante, nesse processo, é estar atento às sensações.

Minha clínica é um espaço em transformação constante, como não poderia deixar de ser, em face do que estudo. E, principalmente, em face do que se produz nos encontros singulares com cada paciente. O terapeuta em mim é movente e cada paciente que chega na clínica provoca um tipo específico de encontro. Mas há algo que certamente é fundamental e, há bastante tempo, vem se firmando na clínica: o propósito de não aplicar conceitos ou conhecimentos para a interpretação ou para a formação de sujeitos.

Meu intuito na clínica é estimular a expressão do que é de cada um. Proponho um encontro do sujeito consigo mesmo, no sentido de expressar-se livremente, e de um encontro com o outro, com aquilo que ele possui. Proponho a

¹¹ Citação referente a conteúdo expositivo de aula no curso de Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação da PUC SP, 2º sem. de 2002.

cada paciente que venha com o que dispõe e o encorajo a exercer no encontro comigo essa possibilidade de ser ele mesmo, o mais despido possível da tentativa de atender a expectativas, internas ou externas. O mais próximo possível da tentativa de saber o que quer, o que busca, nessa relação comigo.

Em minha formação como terapeuta corporal obtive conhecimentos sobre leitura corporal (teoria) e sobre exercícios (técnica) para situações específicas. Essas propostas fazem parte de um saber que, de alguma forma, me constitui, mas também me constitui o saber da inexistência de uma fórmula ou uma aplicação *a priori* que possa ser adequada a qualquer paciente independentemente do momento. Essas informações, ao contrário, me deixam alerta para não reproduzir nada que seja previamente determinado.

Então como se dá essa clínica?

O paciente vem com que ele tem. Veste a roupa que se propõe vestir. E, certamente, vamos procurar juntos descobrir: por que veio, como veio, a que veio, quando veio, com quem veio. Tudo isso produzirá o seu discurso. Sua fala se pronuncia não só em suas palavras, mas também em seus gestos, no seu tom de voz, no seu contato de olhar, na sua respiração. Nas suas urgências e lentidões. E, assim, vamos bailando, nesse encontro com nossas palavras, com nossos gestos, com nossos tons de voz, com o nosso contato de olhar, com nossa respiração.

Como na dança em par, um dá um passo que é acompanhado pelo outro, que dá a indicação para o próximo passo e, assim, sucessivamente. Não há coreografia previamente determinada. Há, sim, uma disponibilidade maior ou menor para dançar, para o encontro.

Sendo assim, não disponho de uma técnica corporal específica que me possibilite usar tal ou qual exercício para tal ou qual situação. Cada paciente é único em cada momento único, e os passos são criados em cada encontro. Permaneço atenta às indicações que aquela subjetividade (paciente) me dá para que dancemos nosso próximo passo. Observo o que o paciente está indicando para o nosso passo, o acompanhamento em seu movimento, na continuação de nosso baile.

Meu parceiro para essa dança esteve comigo por quatro anos. É sobre nosso baile que estarei discorrendo nas próximas páginas, sobre como se deu nosso encontro.

Pedro chegou com seus cinquenta anos de encontros e desencontros. Naquele momento, queixava-se, especificamente, do desencontro com sua mulher. Estavam juntos há quatro anos. Ambos haviam estado casados com outros parceiros anteriormente. Pedro tem quatro filhos, todos com a primeira mulher. Ana também tem uma filha de seu primeiro casamento, Mariana, que mora com o casal e tem uma relação muito boa com o padrasto.

Já o contato de Pedro com os filhos não tem regularidade. Ele pouco os vê. A filha mais nova é mãe de uma garotinha. É com a neta que Pedro tem melhor contato, assim como com essa filha mais nova. O filho mais velho é homem, e os outros dois filhos são uma moça e um rapaz. Todos ficaram morando com a mãe por ocasião da separação, há mais de dez anos. Atualmente o rapaz do meio mudou-se com a mãe para um apartamento. Os outros três ficaram morando na casa da família. Todos trabalham e estudam. Pedro sustentou os filhos até a vida adulta e ainda presta auxílio em alguma situação de necessidade. Embora sejam

bem recebidos, os filhos pouco freqüentam a casa do pai. Normalmente, os encontros se dão na casa deles ou em algum evento social.

Numa perspectiva reichiana, o encorajamento de Pedro estava em sua rigidez. Ele tinha convicções muito fortes e pouco se deixava permear pelas posições dos demais. Muitas vezes, não se posicionava, mas mantinha-se fortemente agarrado a suas convicções, reproduzindo antigos padrões de comportamento. Contaminava seu fluir em situações posteriores, mostrando-se relutante em tomar parte de forma integral em novas situações. Freqüentemente, sentia-se e mostrava-se irritado, não conseguindo participar de novas propostas. Mesmo que desconfiado, não conseguia falar sobre suas desconfianças.

Do ponto de vista de sua atitude corporal, apresentava-se como uma pessoa com bastante energia, distribuída mais acentuadamente na parte superior do corpo, ou seja, da cintura para cima. Apresentava uma respiração contida na maior parte das vezes, mas fazia um bom contato com o olhar. De maneira geral, o contato com ele era possível. Numa possível leitura de caráter, era perceptível a tendência à rigidez, por um lado, e a busca de ser aceito, por outro.¹²

Pedro chegou trazendo queixas que não eram muito explícitas a respeito de sua mulher. Seus comentários falavam de uma falta de companheirismo e, principalmente, de um sentimento de exclusão no ambiente de trabalho dela. Ana trabalha com teatro, coral e musicalização. Muitas vezes, Pedro não se sentia bem

¹² Ainda hoje, é difícil, para mim, abrir mão da tentação de identificar traços de caráter e de fazer pretensos diagnósticos. Mas, em meu trabalho, tenho o firme propósito de não atender a essas configurações que, no mínimo, simplificariam minha percepção sobre o paciente. Por isso não tenho uma descrição de caráter, para esse paciente. Tenho impressões sobre ele que foram se fazendo, se desfazendo e se refazendo em nossos encontros.

aceito ao final dos espetáculos e nem sempre era convidado para os encontros após as apresentações. Alguns de seus relatos apontavam situações nas quais ele ficava enciumado e, noutras, desconfiado. Somente se sentia bem-vindo em situações em que era solicitada sua ajuda. Nessas ocasiões, algumas vezes, ficava sozinho na tarefa, enquanto Ana partia para outras ações. Outras vezes sentia-se desrespeitado, em seu ambiente doméstico, pela invasão dos colegas de trabalho de sua mulher, que parecia não se darem conta da sua presença.

Ficava bastante paralisado frente a esses acontecimentos, agindo passivamente no sentido de atender às necessidades de sua mulher. Ficava, porém, ressentido e, num outro momento, apresentava algum tipo de hostilidade não pertinente. Mas, na maior parte do tempo, ficava apenas com o seu descontentamento.

Ao tomar consciência de sua paralisia, por muitos momentos, ficava ainda mais encolhido. Diminuía sua vitalidade, num encouraçamento que lhe esvaziava a potência. Mas, aos poucos, fomos trabalhando isso em seu corpo, primeiro na simples percepção do quanto se encolhia, do quanto diminuía sua respiração. Algumas vezes fazíamos caminhadas e isso criava alguma ventilação na fala. Aparecia alguma potência. Pedro desenvolveu o hábito de fazer caminhadas inicialmente nos finais de semana. Depois, quando chegou o verão, começou a fazê-lo no final da tarde, também durante a semana. Aos poucos começou a criar espaços próprios e já não participava dos eventos de Ana, a não ser quando sentia vontade. Começou a dizer “não” para as solicitações que não eram do seu agrado e aquilo que temia, ou seja, o afastamento de Ana, não foi que ocorreu. Ao contrário, ela começou a buscá-lo mais e a valorizar os momentos de sua

participação, mas ainda mantinha momentos de oscilação, nos quais procurava colocá-lo a seu serviço e de seu grupo de trabalho.

Sua atitude mais assertiva trouxe-lhe uma surpresa: o fato de dizer “não”, quando assim o desejava, não o encaminhava necessariamente para uma rejeição. Essa experiência mostrou-lhe que, ao contrário do que sempre imaginara, ao mostrar a sua vontade, levando em conta primeiramente o seu interesse, mantinha as pessoas mais interessadas nele. Quando o “não” dito ao outro era autêntico, recebia sua admiração.

Lembro de um momento em que chegou com muita raiva ao consultório. Qualquer tentativa de contatar mais profundamente com essa raiva o levava a sensação de impotência. Falava entre os dentes, mas mantinha os braços completamente sem tônus, impedindo que a enorme energia de raiva chegasse às extremidades. As pernas pareciam estar em grande tensão, também sem circulação da energia, mas havia uma certa inquietude em seus pés.

Apenas comecei a movimentar meus pés da mesma maneira que ele estava fazendo. Procurei sentir o que esse movimento me provocava. Continuei com a ação, até o momento em que tive necessidade de levantar. Ele fez o mesmo e se colocou de pé. Começamos a andar, primeiro pisando firme. Em pouco tempo, batíamos com os pés ao caminhar. A energia circulava agora com bastante intensidade da cintura para baixo. Provavelmente, essa maior circulação de energia na parte de baixo do corpo e a ampliação da respiração acabaram por provocar uma movimentação na parte superior. Pedro começou a agitar os braços.

Disponho de um bastão de espuma¹³ e ofereci a Pedro para que batesse com o bastão no colchão, uma vez que parecia ser exatamente isso que a agitação em seus braços parecia pedir. Pedro deu vários golpes no colchão, até começar a gritar “não”. Depois de muitos golpes e gritos parou, bastante extenuado. Mas parecia, apesar de cansado e ofegante, bastante vitalizado. Sua respiração era muito ampla e todo o seu corpo vibrava. Disse sentir-se muito vigoroso.

Embora tenha chegado totalmente afogado em sua raiva, vivida como impotência, dera sinais de que havia alguma possibilidade de fuga. A agitação que aparecera em seus pés e que me fizera o convite para bailar, dera início à saída da contenção. A seqüência foi-se fazendo, dentro do que ele mesmo foi pedindo. Eu o acompanhei e sustentei a espontaneidade de seus movimentos, ou seja, ambos sustentamos o intensivo daquele encontro. Ao final, encontrava-se ainda com sua raiva, mas dono dela. Sentia-se não mais impotente, mas vitalizado. Eu também fiquei com a sensação de maior vitalidade ao concluir a sessão.

Assim como nesse momento, em outras sessões ocorreram trabalhos corporais com esse tipo de dinâmica. Ou seja, não há uma técnica específica a ser usada, nem um exercício previamente elaborado. Os movimentos ocorrem ou não, conforme o momento. Não há uma coreografia previamente determinada para esse baile.

Dando seqüência ao relato do caso, após esse momento, Pedro voltou-se mais para as suas próprias coisas, para seu trabalho. Estava encerrando uma função numa área dentro da empresa onde trabalhava por trinta anos. Enquanto

¹³ O bastão de espuma tem aproximadamente 8 cm de diâmetro por 1 m de comprimento, servindo como um porrete para descarregar a raiva e a vontade de bater.

seu chefe se aposentava, ele era transferido para outra área, e não fora promovido para o cargo do seu chefe, como era esperado. A empresa tentou convencê-lo de que era uma promoção e de que a função que desenvolveria era mais nobre do que a do seu antigo chefe. Ele não teve poder para transformar a situação, até porque faltavam três anos para alcançar a aposentadoria e benefícios pelos quais sempre contribuiu e aguardou durante os quase trinta anos de empresa. Assumiu o novo cargo e desenvolveu muito mais do que era esperado em sua nova função. Como advogado, começou a descobrir benefícios e vantagens que a empresa poderia ter em alguns contratos e locações de novos prédios, e outras tantas situações em que lhe foram solicitados pareceres jurídicos.

Nesse momento, quando Pedro foi capaz de desenvolver suas atividades profissionais a contento, também foi acompanhado por uma tomada de consciência em relação à empresa na qual trabalhava. Melhor ainda, uma tomada de consciência do quanto se encontrava com uma visão viciada sobre a companhia na qual desenvolvia sua atividade. O quanto se encontrava submetido a padrões repetitivos de comportamento. Sua autonomia estava comprometida por não questionar os valores da companhia, simplesmente reproduzindo o que lhe era transmitido. As diferenças não eram apreendidas, somente a constância da reprodução dos valores da companhia.

Aos poucos foi se dando conta do quanto se encontrava iludido e enganado a respeito da empresa. A empresa à qual dedicara tantos anos de sua vida existia apenas em sua imaginação. A realidade daquela empresa é que seus funcionários tinham que atender aos desígnios que visavam ao interesse do lucro. Lucro esse a

ser remetido para o exterior. A empresa tinha sua matriz no império e, para lá, eram enviados os dividendos. Nos muitos anos de trabalho, foi tomando essa empresa como uma entidade paternal que lhe oferecia oportunidades e para com a qual tinha de manter-se fiel. E assim foi: pleiteou muitos benefícios para a Companhia. Como chefiava uma área de recursos humanos, buscou sempre corrigir situações de injustiça fosse a favor da companhia ou dos funcionários. Descobriu benefícios, criou possibilidades de incentivos. Esteve sempre lutando para uma oportunidade que viabilizasse o melhor relacionamento entre a companhia e seus recursos humanos. Só não se havia dado conta de que trabalhara sem nunca perder a perspectiva do lucro da companhia. Isso, contudo, estava implícito na realização correta de sua função, era inquestionável. O processo terapêutico o leva a ter um novo olhar sobre seu próprio espaço. Começa a fazer discriminações entre o que lhe pede a companhia e o seu desejo. Realiza que pode haver diferenças que não percebera antes.

Com a transferência e a não-ascensão à vaga deixada por seu chefe, começou a reconhecer a companhia em que trabalhava. Começou a perceber o quanto tinha uma visão romântica a respeito da corporação. O quanto havia incorporado valores que não eram seus, mas que pareciam naturais, pois eram os valores da empresa.

O trabalho na psicoterapia, nesse momento, voltou-se à percepção do que lhe aprisionava. O quanto era ele próprio um reprodutor da ideologia da companhia? Quais eram as suas necessidades? O que ele queria para si? Os fatos ocorridos tornaram-se indícios a serem apreendidos, diante das descobertas

que estavam se processando. Havia uma desconstrução de crenças, de valores, de verdades que, até então, sempre foram inquestionáveis.

Aos poucos começou a perceber que a democracia pregada não era real. Na realidade, havia privilégios para aqueles que seguiam a cartilha, para os mais bem relacionados. Isso se tornou evidente quando, ao passar para seu novo cargo, recebeu como benefício um carro da empresa, para seu uso diário. Mas se surpreendeu muito, pois poucos meses depois, o veículo lhe foi tomado. Alguma decisão nada democrática lhe arrancou o benefício. Seu chefe, que pensava ser seu amigo de muitos anos, nada fez por ele. Não intercedeu a seu favor e, simplesmente, ratificou essa situação. Onde estava a justiça pela qual tanto havia lutado em todos esses anos de companhia? Para ele não valia? Pedro começou a perceber o quanto essa democracia e justiça eram apenas fachadas para uma situação em que poucos tinham os privilégios. Havia um seleto grupo que possuía o poder ou que estava aliado a ele. Por um lado, sentiu-se aliviado de não pertencer a um grupo com valores tão diferentes dos seus. Mas, por outro lado, sentiu-se revoltado por ter sido enganado durante tanto tempo. Passou a ser difícil ir trabalhar, participar do dia-a-dia de uma situação que, a cada momento, mais e mais o desencantava.

Conseqüentemente, ficou desmotivado para o trabalho. Todavia, após o primeiro choque, deu-se conta de que não poderia abandonar o emprego, faltando tão pouco para se aposentar. Tentou, então, adaptar-se à situação, não sem estar bem atento ao que acontecia. Buscou uma flexibilização pouco conhecida, mas que poderia lhe permitir um avanço na direção do que procurava para si.

Mesmo sendo difícil encarar a rotina, tinha planos para o futuro. A organização desses planos dava a Pedro a energia necessária para superar o desencantamento. Encontrou uma linha de fuga, para não se deixar tomar novamente pela cegueira e pelo enquadramento imposto pela companhia.

Planejava uma viagem de carro por toda a América. Começou a criar roteiros, conhecer equipamentos necessários para uma viagem de longa distância. Fez alguns cursos de sobrevivência na selva. Não vivia para o futuro, mas começou a se preparar para uma nova vida. Sua idéia era passar um ano percorrendo todo o continente. Começou a se preparar inclusive corporalmente para sustentar seu plano de viagem. Por essa ocasião emagreceu e sentia-se mais ágil.

O primeiro empecilho que encontrou foi a relutância de sua mulher em fazer a viagem. Ele a levou em viagens curtas para lugares menos explorados, na tentativa de que ela tomasse gosto por tudo isso. No entanto, as viagens não foram suficientes para uma decisão favorável da parte dela. Ana tinha um forte argumento: a filha ainda era jovem e precisava dela por perto. Chegaram a pensar numa alternativa: de tempos em tempos ela voltaria sozinha para casa e, após passar alguns dias com a filha, retornaria. Mas ela também argumentava que gostava de seu trabalho e queria continuar, que tinha planos para isso. A cada dia, Pedro sentia que Ana se mostrava menos interessada nessa viagem e mesmo que isso o deixasse triste, não o demovia de sua idéia de viajar.

Outra dificuldade que apareceu foi quanto ao custo da façanha. Inicialmente contava em ter o apoio de algum patrocínio. Esperava que sua empresa, por ser uma empresa do ramo automotivo, pudesse ser um de seus patrocinadores, mas

depois já não acreditava nessa possibilidade. Começava a desconfiar de que seria grande sua dificuldade para a realização da viagem, embora contasse ainda com sua aposentadoria e com a previdência privada, para a qual contribuíra por vários anos (para a seguradora que pertence ao quadro de funcionários da empresa). Pelo menos teria suas despesas usuais cobertas por seus ganhos.

A situação se encontrava em marcha lenta, na expectativa de completar o tempo de serviço para conquistar o direito à aposentadoria. Exatamente nesse momento, Pedro é levado a uma série de interrogatórios que visavam a responsabilizá-lo por uma situação da qual ele fez parte apenas como executor de ordens da diretoria. Pedro tinha noção técnica como advogado e percebeu que algo artiloso estava sendo proposto. A sua recusa em assinar uma confissão de culpa (por não ter essa culpa que estavam tentando lhe imputar) levou-o a ser demitido.

Foi para ele um processo bastante chocante, pois o demitiram alegando justa causa. Depois de trinta anos defendendo os interesses da companhia, foi demitido por não concordar com o “erro” que estavam tentando lhe atribuir. Havia algumas irregularidades que estavam sendo denunciadas e a alta diretoria estava tentando culpar alguém, o que a eximiria da responsabilidade. Fizeram de Pedro um “bode expiatório”. Alguém teria que levar a culpa e foi mais fácil pensar num funcionário com menos poder.

Só que não foi tão fácil assim, pois Pedro, ao perceber a culpa indevida que estavam tentando lhe imputar, não assinou a confissão de um “erro” pelo qual não era responsável. Já compreendia anteriormente em que companhia se encontrava. Na ocasião desse episódio, Pedro se encontrava mais atento a si

mesmo e a seus próprios valores. Ele não cumpriu ordens como costumava fazer anteriormente. Antes, questionou sobre qual era o interesse da companhia. Não concordou com a versão pretendida por ela: a de que ele se incluísse e se responsabilizasse. Certamente, tudo isso antecipou sua demissão, o que fatalmente também ocorreria se ele tivesse assumido a culpa, meramente acatando ordens superiores.

O constrangimento a que um renomado escritório de advogados o fez passar, ao levá-lo para um interrogatório com posterior confissão de culpa, não foi desconsiderado. Pedro fez uma denúncia à Ordem dos Advogados do Brasil, seção São Paulo, sobre tal procedimento. Foi exatamente esse o fato que acarretou sua demissão. É possível considerar que estávamos em face de uma disputa entre o poder econômico e o saber.

Hoje se encontra em andamento um processo trabalhista sobre sua demissão que ainda não foi julgado. Nesse ínterim, Pedro colheu uma ampla coleção de provas de sua inocência.

O momento de sua demissão foi muito difícil. Por mais que viesse percebendo a realidade da companhia em que trabalhava, nunca imaginou que algo tão injusto pudesse acontecer. Menos ainda consigo próprio, que sempre trabalhara visando à justiça. Mas concluiu que a justiça é muito subjetiva e possui um olhar diferente para cada um.

Teve um primeiro momento de choque. Não conseguia nenhum movimento espontâneo, estava obcecado pelo acontecimento. Seu olhar parecia vazio e a energia parecia haver sumido de suas extremidades. Sabe-se que um organismo, quando se sente severamente atacado, tem a tendência de irrigar mais os órgãos

vitais, diminuindo a circulação sanguínea periférica, Dessa maneira se encontrava Pedro, toda sua energia concentrada internamente. Tinha tristeza, mas não conseguia chorar. Sentia-se um pouco incrédulo diante do que estava acontecendo.

Um segundo momento de muita preocupação: a demissão por justa causa lhe trouxe uma parada de ganhos financeiros. Sua sobrevivência imediata ficou bastante ameaçada. Apesar de viver uma vida modesta, não possuía reservas suficientes para enfrentar algo tão inesperado.

Passou por um período de muita impotência e paralisia, mostrando-se deprimido várias vezes. Mas o estudo do próprio processo, do ponto de vista jurídico e a coleta de provas foram-lhe aumentando a potência e fazendo com que ganhasse fluxo novamente. Na psicoterapia, esses aspectos de recuperação da potência foram bastante trabalhados. Na maior parte, de forma verbal, mas, algumas vezes, com o desenvolvimento de exercícios que o levavam à expressão de sentimentos contidos e à conseqüente recuperação de movimento. Ele tinha necessidades imediatas, tanto materiais como emocionais. Esperava uma pronta reparação à injustiça com a qual fora acometido, mas o não-andamento da situação o deixava em estado de grande aflição.

Os processos judiciais são lentos. Após uma primeira audiência, o julgamento foi adiado, por haver o juiz considerado que sua complexidade implicava em um estudo mais aprofundado. Na segunda audiência, foram solicitadas algumas provas e adiado o julgamento mais uma vez. Veio uma proposta de acordo da empresa, mas que ficou muito abaixo do justo a ser recebido numa aposentadoria normal, sem considerar os danos morais causados

por toda a situação. Pedro recusou-se a aceitá-la, pois entendeu que isso lhe causaria um dano ainda maior do ponto de vista emocional. Embora o acordo lhe permitisse uma resolução imediata dos seus problemas financeiros, acreditou que os danos a sua autoconfiança seriam muito maiores. A decisão de não aceitar o acordo o deixou com menor poder aquisitivo, entretanto, fê-lo sentir maior potência para enfrentar a vida.

Tal decisão, apesar de não lhe ter dado uma saída imediata, mostrou-lhe o quanto não mais poderia deixar-se assujeitar. Mas o punha mais distante dos recursos materiais de que tanto necessitava.

Nesse período encontrava-se desmotivado, sem saber o que fazer profissionalmente, embora tivesse a possibilidade de se estabelecer como advogado. Recebeu alguns convites de amigos para atuar em seus escritórios. Acabou por começar a desenvolver uma clientela em seu escritório de advocacia, mas os processos são lentos, portanto, os ganhos também. Procurou diminuir ao máximo as suas despesas, ficando apenas com o essencial.

Já não fazia nenhuma atividade física e sentia pouca ou nenhuma vontade de fazer contato com as pessoas.

Conforme o tempo passava, pensava em buscar uma vida mais simples, retirar-se da metrópole e voltar para uma pequena cidade perto de onde nascera. Mas não vislumbrava, de imediato, o que poderia fazer para sobreviver num lugar desses. Ao mesmo tempo, sentia-se distanciado de sua mulher. Ela tivera uma participação muito acolhedora no primeiro momento de sua demissão, o que de alguma forma reforçara seus laços. No entanto, Ana aos poucos foi se envolvendo

com as próprias atividades e Pedro sentia-se cada vez mais só. Por fim decidiram separar-se.

Em alguns dias, Ana partiu com sua filha para viver em outra casa. Eles continuaram se falando, mas, nessa fase, Pedro sentia-se muito triste e completamente sem motivação para viver. Sentia-se como se nada mais lhe restasse na vida. Havia perdido tudo. Nem seus filhos o procuravam depois da perda do emprego. Alguns amigos se mantinham fiéis, outros se revelaram não tão amigos e se afastaram.

Nesse período intensificamos a psicoterapia. Pedro recorreu muitas vezes, chamando-me pelo telefone. Em alguns momentos, teve vontade de morrer, entretanto, eu não sentia que chegasse a alguma ação concreta para isso. Insisti que deveria procurar fazer ligações com pessoas que realmente lhe queriam bem, mas ele se encontrava completamente sem energia para buscar qualquer contato. Como ainda tinha energia para buscar o encontro na psicoterapia, foi um período de intenso trabalho corporal.

Na maior parte das vezes, os trabalhos recaíram sobre a percepção de como se encontrava. Quando se referia a um determinado estado de ânimo, eu o estimulava a perceber como isso era sentido em seu corpo. Por exemplo: um dia chegou dizendo que se sentia muito apequenado, com vontade de ficar apenas encolhido, esperando a dor passar. Sugeri que deitasse no colchão para experimentar o que se estava passando com ele, naquele momento, de forma mais confortável. Quando se acomodou, deitado, questionei-o sobre essa dor. Ele a descreveu como uma dor no peito, que subia para a cabeça e fazia com que sentisse um aperto em sua caixa craniana. Ao falar sobre isso, apertou, com as

próprias mãos, a cabeça. Sugeri que intensificasse esse movimento. Aos poucos começou a apertar mais fortemente a cabeça, puxando as mãos para trás, como se estivesse removendo algo. Dizia, então, que não suportava mais essa situação, que gostaria de arrancar tudo aquilo de sua vida. Queria uma nova vida, em que pudesse estar mais leve. Perguntei o que o fazia sentir-se tão pesado, mas que ele deixasse o seu corpo responder antes do que sua compreensão sobre isso. Que percorresse o caminho dessa pressão para ver se ela lhe apontava algo. Incentivei-o a se entregar e descobrir a sensação. Permaneceu por alguns minutos deitado, passando as mãos na cabeça, dando a impressão de que queria remover algo, como se fosse algum pigmento ou tinta que o tivesse impregnado e que esse gesto lhe possibilitaria remover. Pelo menos essa era a impressão que me causava tal visão. Aos poucos, foi diminuindo a força empregada nesse esfregar de mãos e foi chegando a um movimento suave, como uma carícia. Foi direcionando as mãos para o peito e o movimento não era mais para fora, já era um movimento circular. Começou então a chorar, um choro contido, mais de lágrimas do que de sons. Chorou por bastante tempo, deixou caírem as mãos ao longo do corpo. Chorou sem esconder o rosto, como costumava fazê-lo normalmente. Foi diminuindo a intensidade de seu choro até parar. Continuou apenas suspirando. Quando se levantou do colchão, não quis dizer nada, apenas que estava mais aliviado.

Nas próximas sessões, veio trazendo muito de suas percepções. Estava vivendo um momento de completo desfazimento de quaisquer posses que um dia tivera e já não sabia se queria possuir qualquer coisa. Sentia necessidade de mover-se, mas não sabia como, nem para onde.

Chorava freqüentemente nas sessões. Chegava sempre cabisbaixo, com um olhar muito triste. Falava pouco, o que não era habitual. Parecia que, onde parava, o seu corpo se deixava ficar, inerte, o peito afundado. Às vezes, dava a impressão de um menino desapontado, desconfiado, reservado, que não queria dizer o que se passava. Mas parecia haver algo de que não estava conseguindo falar.

Finalmente conseguiu expressar-se. É que sentia muita falta de Ana. Sua casa parecia vazia e totalmente sem vida. A cada dia ficava mais difícil viver. Completamente desmotivado para qualquer trabalho, para qualquer encontro com amigos ou familiares, Pedro parecia se aprofundar num processo depressivo. Quando encontrava Ana, sentia-se mais triste ainda e a percebia triste também.

Na terapia trabalhávamos com a sustentação de sua tristeza. Era muito doloroso tudo o que estava vivendo, a realidade não estava sendo negada. Mas estava difícil chorar. Não encontrava nada nem ninguém que pudesse suportar seu desamparo, apenas na terapia conseguia sustentação para isso. Nessa ocasião eu me atrevia a gestos simples, como buscá-lo na sala de espera ou acompanhá-lo até o portão ou, mesmo, ultrapassar o horário da sessão quando era possível. Mas levar sua vida no dia-a-dia estava muito difícil.

Num momento de muita angústia, sentiu-se muito mal. Sentia um total desamparo: ele que sempre amparara tantas pessoas não sabia como se amparar. Então telefonou e pediu ajuda para Ana, que veio socorrer-lhe imediatamente. Foi um momento difícil, mas, ao mesmo tempo, de desfazimento de certos aspectos de sua couraça. Desde há muito estava acostumado a amparar. Todos vinham em busca de seu amparo: os filhos, os funcionários, os

amigos, a mulher, a família da mulher. Ele sempre tinha algo para oferecer, mas nunca pedia nada. Claro que tinha suas necessidades, embora não as manifestasse. Seu papel era o de quem amparava. Acreditava nisso, não poderia conceber que alguém lhe pudesse retribuir.

Foi difícil admitir que também precisava. Já fazia muito que pedia, mas agora tomara consciência de que podia fazê-lo e de que não perderia nada com isso. Que seu papel não era o de amparar, que não havia um papel a ser vivido. Que ele não precisava ser o outro, nem se confundir com o outro. Poderia viver sua alteridade. Vivê-la nas relações, compreendendo o espaço e os cruzamentos pertencentes a cada um. Sem imposições ou obrigações. Respeitando a alteridade do outro.

Não lhe cabia só amparar; também poderia ser amparado. Aos poucos, começou a perceber que estava muito difícil viver sem Ana. Que a queria muito e a queria de volta. Não exatamente a Ana do relacionamento que tiveram, mas a Ana que ele só agora conseguia ver. Uma Ana com a própria vida e com as próprias coisas, com quem se encontraria onde e quando pudesse haver encontro.

Procurou-a novamente e lhe disse como se sentia. Ela também se mostrou muito disposta a uma reconciliação e foi o que ocorreu. Em alguns dias, começaram a se encontrar, primeiro sem que ninguém soubesse e, posteriormente, assumindo a volta.

Pedro não sentia como uma volta, mas como uma nova relação. Descobria uma outra mulher, não aquela a quem idealizara. Alguém que ele até intuía que existisse, mas que, em seu coração, nunca chegara a perceber inteiramente. Também se descobria como alguém que nunca chegara a perceber que poderia

ser. Nunca havia se encontrado consigo mesmo de forma tão ampla. Sentia-se leve e, ao mesmo tempo, com uma impressão de que nunca tivera tanta clareza sobre as coisas. Essa clareza não era uma sensação de saber muito, mas de saber o que queria para aquele momento e de se deixar entregar para viver a vida.

Sentia seu corpo vibrar. A vida lhe parecia vibrante. Sentia o fluir. Para entrar em fluxo, precisou desconstruir muito do que o aprisionava no passado. Agora encontrava outras possibilidades. Possibilidades para as quais não se abria anteriormente.

As coisas não o incomodavam como antes. Descobrira a tolerância. Sentia-se leve e flexível. Tantas das coisas que o incomodavam em outros tempos eram recebidas e percebidas de outra maneira nesse período.

Pedro chegara a um estado tal de despojamento, pois perdera tudo. Ficou sem sua família e sem a convivência com seus filhos. Ficou sem seu trabalho de trinta anos. Perdeu a confiança na companhia. Perdera a mulher que amava e a vida que constituíram juntos, mas não percebia essas coisas como perda, e sim como transformação de valores. Não se sentia um perdedor, ao contrário.

Não perdeu a vida. Não perdeu sua capacidade de renascer para as coisas perdidas. Retomou com sua mulher, mas não mais a mesma relação de antes. É uma nova relação. Pensa em desenvolvê-la baseada em muito mais afeto, mais tolerância, mais flexibilidade. Uma relação vivida na alteridade. Sente que faz contatos mais intensos. Está mais permeável. Está mais disposto a se haver com as diferenças. Percebe o valor da diferença no crescimento e no desenvolvimento de suas possibilidades.

Numa das últimas sessões, Pedro se questionou sobre o quanto perderia se não ganhasse o processo contra a companhia. Dizia temer o estado em que ficaria caso isso ocorresse, pois restaria daí um sentimento de injustiça, que acreditava não ter como se recuperar dele. Creio que foi esse o momento mais significativo de nosso trabalho, pois foi possível a apropriação de tudo o que havíamos trabalhado anteriormente. Exatamente nesse ponto, questionei-o sobre o quanto havia conquistado em suas experiências e em suas vivências. Nisso residia sua potência, e não no reconhecimento, seja de um juiz ou dos seus antigos padrões. Então se deu conta de que trazia em si as condições e o aprendizado para viver sua vida e desenvolver seu trabalho. Não precisava mais de que uma autoridade externa lhe conferisse parâmetros sobre o que podia ou não fazer. Por mais injusta que fosse a situação vivida na companhia, conseguira manter sua integridade e, conseqüentemente, sua potência, ao não ter cumprido ordens com as quais não compactuava. Não se submetera a uma autoridade por medo da punição. Isso compreendia a sua força, a sua potência. As conexões que Pedro fez nesse momento o levaram a outras dimensões de si mesmo e ampliaram o seu grau de potência.

Pedro não sente nada garantido para o seu futuro, mas tem gana de viver intensamente o presente. Não resolveu suas questões econômicas. Nem mesmo os seus problemas de relação com os filhos. Vive um bom momento com sua mulher, mas não pensa que seja para sempre. Sente-se, porém, disposto a lutar por suas coisas, nesse momento. Aprendeu algo: que pode ousar, que pode experimentar o diferente, que precisa de pouco e que isso não o empobrece, ao contrário, aumenta a sua potência. Ao se deixar flexibilizar, encontrou mais

ventilação, mais vibração para a própria vida; parece mais vitalizado, sente-se assim. Sabe que seus problemas não acabaram, mas encontrou outras formas de encará-los e resolvê-los.

Sabe também que pode empacar, mas que tem recursos para continuar buscando seu fluxo. O importante é se manter atento, respirando e vibrando com a vida. Encontrou uma via saudável para manter-se em fluxo. Abriu mão de crenças, em proteções fora de si. Encontrou em si mesmo os recursos para se manter vivo, mais vivo. Abriu mão de uma escravidão enganadora e de alguma maneira pagou um preço por isso. Encontra-se mais vivo, mais disposto para a vida. É dono de si e dos próprios passos, na medida em que não se engana. Sabe que terá de se manter atento. A vida lhe parece mais dinâmica.

Como diz Naffah, comentando um texto de Nietzsche:

Saúde significa, pois, autodomínio e disciplina capazes de permitir ao espírito habitar a multiplicidade; envergadura interior para contornar os narcisismos paralisantes de meio-caminho; excesso de forças plásticas que dão forma à vida e a regeneram, lançando-a no ensaio, na aventura. (1994: 29)

É interessante a idéia de habitar a multiplicidade, pois dá sempre uma idéia de processo, de movimento. O que me faz pensar em saúde não como um estado a ser atingido, mas como uma dinâmica saudável. Penso que é isso que diz Naffah quando sugere que as forças plásticas dão novas formas à vida. Esse processo me parece ser exatamente a apropriação dessas forças.

Podemos ver nesse caso clínico que o paciente se encontrava com todas as facilidades para a acomodação, no entanto, numa desterritorialização, ao

colocar abaixo um mundo aparentemente garantido, passou a um território movente. À sua maneira, encontrou um jeito de sobreviver ao pântano.

Pedro encontrou um jeito novo de sustentar novos valores. Flexibilizou e assimilou situações em uma etapa em que já contava com uma possibilidade de vida mais acomodada. Recebeu o incômodo e lidou com ele. Encontrou sua maneira singular de lidar com o que lhe apareceu. Concluimos nosso trabalho nesse momento de sua vida.

6. RITMO

*Dance, quando você estiver vulnerável.
Dance, se você tiver arrancado seu curativo.
Dance no meio de uma luta.
Dance no seu sangue.
Dance, quando você estiver perfeitamente livre.*
Rumi
Dance no seu sangue
séc. XIII

Muitas vezes saio de um baile somente ao seu final. Ao sair, percorro corredores, desço escadas, ando pelas ruas ainda levando o ritmo da última música comigo. Vou embora dançando, cantarolando algo. Levando o ritmo para além do baile. Continuo em movimento, tocada pelos encontros que tive.

Não há possibilidade de encontros sem que algo se perca. Os encontros trazem novas possibilidades. Mas para que ocorram, será necessário deixar algo para trás.

Ao pensar nos encontros com parceiros de baile, me ocorre a idéia de que os bailarinos se abraçam em espelho. Ou seja, seus corpos se encontram frente a frente com os seus contrários: pé direito com pé esquerdo, braço direito com braço esquerdo, num abraço com os seus opostos. Não há superposição nesse caso. Os olhares se direcionam opostamente, qualificando diferentes pontos de vista. É exatamente isso que configura as amplas possibilidades do encontro.

Assim me dirigi aos autores com quem me encontrei. Minha proposta não foi contestar ou enfrentar os referidos autores. Nem mesmo de encontrar pontos

comuns entre suas idéias que confirmassem alguma identidade. Tentei apenas comentar como esses pensadores atravessaram e atravessam a minha singularidade. Nesses encontros e reencontros com seus textos foi-se produzindo meu devir-terapeuta, meu devir-dançarina, meu devir-mulher, meu devir-estudante, meu devir-brasileira. Nesse baile, sinto como se tivesse entrado num salão onde encontrei muitas portas; escolhi uma e adentrei num outro salão com mais outras tantas portas; fui levada a outro salão e a mais outro, e assim sigo, abrindo portas para as possibilidades de me manter dançando.

Seguirei escutando outras orquestras? Encontrarei outros bailarinos? Chegarei a outros salões? Isso não é o mais importante. Por hora me pergunto como fazer para manter o ritmo.

Minhas preocupações com o fluxo parecem vir ao encontro da mesma questão. Manter-se em fluxo seria manter um certo ritmo? Como não perder o ritmo? Seria possível pensar em ritmo como orquestrações de devires?

Uma das maiores dificuldades é desprender-se dos modelos de subjetivação. Certamente, na minha clínica há uma grande força na proposta da psicanálise. Antes de simplesmente opor-me a esse movimento, procuro deixar-me embalar pelo que dele pode me manter fluindo. Não tenho dúvida de que os conhecimentos adquiridos na psicanálise, na análise bioenergética e em tantas outras possibilidades, não apenas analíticas, foram facilitadores para construir minha postura crítica.

Entre num fluxo de conexões reflexivas que me levaram a dançar com esses bailarinos/autores. Não foram comparações, nem analogias, tampouco tentativas de confirmação. Foram atravessamentos, territorializações e

desterritorializações. A cada nova conexão reflexiva, torrentes de fluxos se faziam, sem que me apercebesse, sem que tivesse noção ou controle sobre isso. Fui percebendo os efeitos após novas conexões reflexivas. Não fui aplicando conceitos às situações presentes. Ao contrário, fui me apercebendo dos efeitos desses atravessamentos conceituais, por encontrar suas modificações em minha trajetória.

Os encontros que tive com autores como Freud, Espinosa, Nietzsche, Lowen, foram definitivos para o encontro-baile com Reich, Deleuze e Guattari. Há uma radicalidade em cada um desses autores que compôs e continua compondo comigo a cada momento. Assim como a poesia e a literatura de autores como Mário Benedetti, Marcela Serrano e outros tantos. Todos me levam a conexões reflexivas, a produção de pensamento e a tantas possibilidades de agir.

Chegamos então a produção de diferenças na clínica. Desde há muito que não vejo como os modelos teóricos sejam aplicáveis às infinitas possibilidades de cada um. A teoria tem sim seu sentido para as reflexões. Ela pode estimular a crítica.

Esse foi um aspecto muito significativo no caso clínico que descrevi. Pedro trazia uma história de trajetória adequada aos padrões que o *status quo* definiria como almejavél. No entanto havia uma inquietação, algumas vezes uma dor que não o deixava ceder. Seus princípios éticos fizeram com que, muitas vezes, não aceitasse ordens que estivessem privilegiando meramente o lucro em detrimento dos direitos do trabalhador. Na medida em que foi se permitindo questionar o estabelecido foi encontrando um incômodo que já não o deixava permanecer conformado com os trajetos planejados.

A visão crítica é, a meu ver, indissociável na clínica contemporânea. Nesse ponto é possível fazer um paralelo com os autores estudados e a minha própria posição. Esse é, talvez, um dos fatores de maior conexão com os referidos autores.

Em Reich há sempre uma preocupação com o social. Reconhecido por Deleuze e Guattari, que identificam nele um precursor da psiquiatria materialista. Essa é uma conexão muito significativa no meu trabalho, que é bastante evidente na descrição do caso clínico.

O processo de singularização no caso clínico é vasto no encontro com as multiplicidades. O reconhecimento e valorização dessas multiplicidades foram identificadores de potência. O mais significativo no encontro entre os corpos dos bailarinos é que pode resultar num aumento de potência. Muitas vezes tive a sensação desse aumento de potência durante as sessões ou nos efeitos que ela causou em mim, após esses encontros. As conexões alcançadas nesses encontros abriam-me para novas conexões que se prolongavam até outros encontros.

Ocorreu também a suportação da impotência em alguns momentos. A sustentação das impossibilidades e da paralisia. Não como resignação, mas como pausa para encontrar com algo mais pertinente ao desejo e aí, então, entrar novamente em fluxo.

Se olharmos para o desejo como uma lógica de fluxos, ele não se sobressai o tempo inteiro, mas está em seu reservatório pronto para fazer conexões que viabilizem um aumento de potência. Penso que manter o fluxo é sustentar as conexões do desejo. É dar permissão para que o intensivo se apresente e

arrebate mais de nós mesmos. Então manter o ritmo é fazer encontros, sejam eles com quem for. Manter o ritmo é manter-se dançando. Bem sabido que na dança tem pausas, tem descanso, pois o intensivo está presente apenas em alguns momentos de qualquer dança. Há múltiplos ritmos, há múltiplos sopros de vida, há múltiplos ataques do intensivo. Como se deixar permear, como fazer com que a couraça não impeça a sustentação do intensivo? Como não fugir as possibilidades de me manter fluindo na dança, em pleno ritmo? Será o intensivo aquele que marca o ritmo? Algo como assimilar as diferenças em mim e em tudo, aparece como uma possibilidade. Pensar o plural e o múltiplo como possibilidades de formar novos corpos, de ampliar a potência.

Percebo que é da competência da minha clínica privilegiar o real e o campo das sensações. Valorizar a lógica dos fluxos, sustentar essas possibilidades, tirando o foco do imaginário. As sensações podem fazer conexão com o imaginário, todavia, enquanto sensações são a manifestação do real. Elas mesmas fazem outras conexões com o real que as atualizam.

Tudo isso se manifesta no caso clínico apresentado. Percebo-o no momento em que Pedro deixa de se sentir perdedor de algo, ou alguma função que lhe era atribuída pela empresa, ainda que isso lhe tenha sido tirado, passando a não mais sentir como se nisso residisse sua aniquilação. Quando percebe que ninguém poderia lhe tirar os ganhos de sua experiência, a totalidade de seu aprendizado, a possibilidade de se manter não mais submetido a ordens com as quais não compactuava, recupera a potência em si mesmo. Já não identifica suas possibilidades em algo que possa lhe ser conferido de fora, mas sim em algo que seja capaz de alcançar, de buscar, de combater. Passa a identificar sua potência

em sua capacidade de agir, e não no reconhecimento que poderá obter por suas ações. Nesse momento recupera o ritmo, sai da passividade.

Creio que o campo da clínica vem a ser um facilitador para a recuperação ou a descoberta da própria potência. É uma dança em par, em que cada um, na sua posição, cria, em alguns momentos, um corpo único, nesse encontro que resulta num baile com ritmo. Esse ritmo pode se manter ou se transformar em outros ritmos mesmo quando os parceiros já não estão dançando juntos.

Talvez seja uma perspectiva otimista, a minha, de pensar na potência da manutenção de um ritmo. Mas aprendi com a dança que é possível manter o ritmo de baile, ainda que esteja muito triste. Como disse, segundo Fernandes, um grande poeta do tango, Henrique Santos Disciépolo: *o tango é um pensamento triste que se pode bailar*. (2000: 12) Bailar a tristeza, bailar a dor é experimentar, é deixar-se tomar pelo intensivo. Trata-se de recuperar a potência para vida, ainda que triste ou sofrida. Penso que é possível manter o ritmo da vida em qualquer circunstância, enquanto vida houver. Continuo apostando na possibilidade de ouvir a música, encontrar um parceiro e com ele dançar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTINI, PAULO. *Reich: história das idéias e formulações para a educação*. São Paulo: Ágora, 1994.

ALLIEZ, ERIC. *Deleuze filosofia virtual*. Trad. Heloísa B. S. Rocha. São Paulo: 34, 1996.

AMARAL, REGINA FARIA DO. *Aprendendo a dançar*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2002.

BARRETO, ANDRÉ VALENTE DE BARROS. *A revolução das paixões*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2000.

BECKETT, SAMUEL. *Proust*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BENEDETTI, MARIO. *El mundo que respiro*. Buenos Aires: Seix Barral, 2001.

CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. São Paulo: Núcleo de Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, v. 1, n.º. 1, 1993.

CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. São Paulo: Núcleo de Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, número especial: Gilles Deleuze, jun.1996.

CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. SaúdeLoucura. São Paulo: Núcleo de Estudos da Subjetividade do Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, *O reencantamento do concreto*, Hucitec/Educ, 2003.

CÂMARA, MARCUS VINICIUS. *Reich: o descaminho necessário*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1998.

_____. “A propósito da (des)construção de alguns conceitos na teoria de Wilhelm Reich – a perspectiva deleuziana”. In: GIBIER, LUIZ. *Reich contemporâneo: perspectivas clínicas e sociais*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

DADOUN, ROGER. *Cem flores para Wilhelm Reich*. São Paulo: Moraes, 1991.

DELEUZE, GILLES. *Francis Bacon – Logique de la sensation*. 2 vol. Paris: Edition de La Différence, 1981.

_____. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Lógica do sentido*. 4^a. ed. Trad. Luiz Roberto Salinas Forte. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____. *A dobra: Leibniz e o barroco*. 2^a. ed. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1992.

_____. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1997.

_____. *Bergsonismo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 1999.

_____. *Empirismo e subjetividade*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2001.

_____. *Espinosa: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, GILLES E GUATTARI, FÉLIX. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvin, 1966 [1972].

_____. *O que é a filosofia?* 2ª. ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: 34, 1992.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: 34, 1996.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. Trad. Suely Rolnik. Rio de Janeiro: 34, 1997.

DELEUZE, GILLES E PARNET, CLAIRE. *Diálogos*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

ESPINOSA, BARUCH DE. *Ética*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FERNANDES, HÉLIO DE ALMEIDA. *Tango, uma possibilidade infinita*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2000.

FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREUD, SIGMUND. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.

FUGANTI, LUIZ ANTONIO. Saúde, desejo e pensamento. *SaúdeLoucura*. São Paulo, nº. 2, 2ª. ed., p.19-82, Hucitec, 1991.

_____. A ética como potência e a moral como servidão. *Revista Reichiana*. São Paulo, nº.10, p.10-18, 2001.

GUATTARI, FÉLIX E ROLNIK, SUELY. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LAPLANCHE, J. E PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 10ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LAWRENCE, D. H. *Poemas de D. H. Lawrence*. Trad. Leonardo Fróes. Rio de Janeiro: Tipo, 1985.

LINS, DANIEL E GADELHA, SYLVIO (Orgs.) *Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

MALUF JR., NICOLAU (Org.) *Reich: o corpo e a clínica*. São Paulo: Summus, 2000.

NAFFAH NETO, ALFREDO. *O inconsciente como potência subversiva*. São Paulo: Escuta, 1991.

_____. *A psicoterapia em busca de Dionísio*. São Paulo: Escuta/Educ, 1994.

_____. *Outr'em mim: ensaios, crônicas, entrevistas*. São Paulo: Plexus, 1998.

NERI, REGINA. Anti-Édipo/Psicanálise: Um debate atual. *Agora. Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, v. VI, nº. 1, p. 21-43, jan./jun. 2003.

NIETZSCHE, FRIEDRICH WILHELM. *Assim falou Zaratustra – Um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

ORLANDI, LUIZ B. L. *Anotar e nomadizar*. Texto apresentado em aula. São Paulo: PUC-SP, PCL, Programa de Pós-Graduação, 2º. sem. 2002.

_____. Apresentação. In: LINS, DANIEL (Org.) *Razão Nômade*. Petrópolis: Vozes, no prelo.

_____. O habitat espinosano de Deleuze. Prólogo à tradução brasileira do livro *Espinosa e o problema da expressão de Gilles Deleuze*. Inédito.

REICH, PETER. *Libro de ensueños*. Barcelona: Laerte, 1978.

REICH, WILHELM. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

_____. *O assassinato de Cristo*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. *Análisis del caracter*. 3ª. ed. Buenos Aires: Paidós, 1986.

_____. *Pasión de juventud; una autobiografía. 1897-1922*. Barcelona: Paidós, 1990.

_____. *A função do orgasmo*. 19ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROLNIK, SUELY. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. Conferência proferida In: CORPO, ARTE E CLÍNICA. UFRGS. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional – Mestrado. Porto Alegre: 11 abr. 2003 e In: A VIDA NOS TEMPOS DE CÓLERA. ONG Atua (Rede de Acompanhamento Terapêutico). São Paulo: 17 mai 2003.

RUMI, JALALUDDIN. *Essencial Rumi*. Trad. Coleman Barks. San Francisco: HarperCollins, 1994.

SERRANO, MARCELA. *Nosotras que nos queremos tanto*. Santiago de Chile: Alfaguara, 1996.

_____. *El albergue de las mujeres tristes*. Santiago de Chile: Alfaguara, 1997.

SILVA, JOÃO RODRIGO OLIVEIRA E. *O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich*. 2001. 149 f. Dissertação (mestrado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

WAGNER, CLÁUDIO MELLO. *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus, 1996.

_____. O humorístico e sua relação com a orgonomia. In: GIBIER, LUIZ. *Reich contemporâneo: perspectivas clínicas e sociais*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

_____. *A transferência na clínica reichiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

Sites visitados para a pesquisa sobre a letra do tango Balada para un loco:

<http://galeon.hispavista.com/elortiba/matalunfa.html>

<http://todotango.com.ar/spanish/main.html>

http://www.mirada.net/militango/pt/espactaculo/BaladaParaUmLoco_f.html